

• VISEU

UM MÉDIUM MATERIALISTA

JÚLIO MOREDO



Confraria dos Livros Bons

Copyright © Viseu

Copyright © Júlio Moredo

Todos os direitos reservados.

Proibida a reprodução total ou parcial desta obra, de qualquer forma ou por qualquer meio eletrônico, mecânico, inclusive por meio de processos xerográficos, incluindo ainda o uso da internet, sem a permissão expressa da Editora Viseu, na pessoa de seu editor (Lei nº 9.610, de 19.2.98).

editor: Thiago Domingues Regina

projeto editorial: BookPro

coordenação editorial: Giselle Rocha

revisão: Consuelo Rodrigues Santana Zeller

copidesque: Gabriela Fujita

versão digital: Kauê Rodrigues

Confraria dos Livros Bons



*“Há mais coisas entre o céu e a terra
do que sonha nossa vã filosofia”*

William Shakespeare

I – Num quartinho da Bela Vista

Conrado Correia Rabelo é daqueles jornalistas à moda antiga. Oriundo de família paulista tradicional, dona de cafezais no Vale do Paraíba e, antes disso, promotora de várias bandeiras para as Minas Gerais, foi outrora um ativista orgulhoso de seu idealismo, a ponto de ter participado do célebre Congresso Estudantil de Ibiúna e corrido muito da repressão policial em mobilizações nos duríssimos tempos de Médici e Geisel.

Ateísta convicto, socialista desiludido, barba e cabelos desgrenhados, rugas e bolsas de cachaça nas olheiras. Tudo isso exponenciado pelo bigodão à Stalin e pela grande experiência em histórias e estórias de seus tempos como redator de grandes jornais nos anos setenta, desde o apelativo Notícias Populares aos consagrados Folha e Estadão.

Já nem lembrava qual das três tragédias de sua vida ocorrera há mais tempo: divórcio da esposa, companheira de militância e profissão há quarenta anos, a indiferença dos filhos – e a saudade dos netinhos no pacote –, ou a indigna posição de desempregado, quando muito freelancer, no ofício ao qual se dedicou e amou tanto quanto a ausente família.

Também estava magoado com os descaminhos do país que sonhara, após tantas idas e vindas, escândalos, governos e desgovernos. Enfim, um tiozão na casa dos setenta, que, em clássica pose de intelectual amargurado, diz à beira do balcão que “está tudo uma merda!”. E que ingressa na terceira idade e no terceiro milênio com muitos ressentimentos e poucas esperanças.

Conrado entra em casa, num predinho antigo da rua Peixoto Gomide, no hoje

desvalorizado bairro da Bela Vista, e liga novamente o telefone sem fio (é um dos poucos que ainda têm a relíquia): “É da Editora Spazio? Pois sim, sou eu mesmo, Conrado Correia, jornalista. Gostaria de saber se meu livro, “O Pracinha da Bota”, foi apreciado e avaliado pela gerência. Hã? Sim, cá estou, tudo certo, eu aguardo. Como? Ah, muito obrigado por nada, então. Vocês não têm ‘spazio’ para os mais velhos! Então vão para a puta que os pariu!”

BAM na base do aparelho. “Grandessíssimos cuzões! Não têm respeito por uma obra de arte, um trabalho de anos, que vale pela vida profissional de qualquer bunda-mole lá dentro daquela espelunca. Devem preferir contos eróticos, autoajuda ou ensaios pseudo complexos dessa triste época que vivemos. Será que ninguém vai enxergar a potência do meu livro histórico? O relato de um soldado da Campanha Italiana, do papel de nossos Pracinhas na Segunda Guerra? Devem ter limpado o rabo com o original que mandei encadernado.”

E como praguejava! Nunca havia sido de bons humores, excêntrico como só e culto acima da média para um país iletrado como o Brasil. Ocorre que há pouco mais de três anos Conrado teve acesso a um documento surpreendente na antiga fazenda do pai, em Piracicaba. Tratava-se do diário de um amigo do avô deles, que fora, como sabiam desde criança, tenente brasileiro incorporado ao exército ianque nas batalhas pela conquista da Itália, entre 1943 e 1945, sob o comando de Mascarenhas de Moraes, subordinado ao estadunidense Mark Clark.

Oculto no sótão, a peça improvável foi encontrada acidentalmente por Márcio, seu irmão mais novo e morador do casarão, que de pronto lhe telefonou para avaliar as notas e textos. Em um fim de semana, já num passado distante para ele, a ideia e projeto de um livro histórico a eternizar o amigo do avô, um certo sargento chamado Guilherme Mendonça Fraga, mensageiro de campo da divisão deles, surgiu como raios de sol na escuridão de sua vida de pensionista de dois jornais que, por sorte nesses tempos de internet, ainda eram impressos e pagavam regiamente seus aposentados.

“Nas minhas mãos, isso aqui vai vender como água, Marcinho. Vai me dar paz para ajudar meus filhos e netos também, e deixar a maldita da Mariana de boca fechada, sem me atormentar com lições de moral vazias como ela”, dizia ao irmão caçula, que incentivava a proposta a cada nova página virada e iluminava os olhos do atormentado mano.

De lá pra cá, porém, nada havia acontecido. Conrado colhia apenas desprezo e desgosto por sucessivas recusas editoriais da obra, já prontinha, pesquisada, explicada, editada e revisada por ele próprio, profissional experiente e acostumado a grandes matérias noticiosas. Embora fosse seu primeiro livro, teria sido apenas uma extensa reportagem para aquele arrogante titã decaído da máquina de escrever. Ele, por isso, quase exigia reconhecimento e morria pelo desprezo que acumulava nas frustradas tentativas de publicação.

A expectativa que criou o desalentava ainda mais. Tinha desde jovem o péssimo hábito, potencializado pela imensa ansiedade, de contar como fato consumado coisas e projetos que ainda não tinham acontecido. Foi novamente esse o caso, temperado um pouco mais pelo desespero financeiro, pela necessidade de reconquista do respeito familiar e, claro, pela vaidade própria de alguém longe dos holofotes das conquistas, mesmo as mais simples, há pelo menos duas décadas.

A casa onde morava era um claustro de monges à mistura com mausoléu mal-acabado, empoeirado, com baratas, rachaduras e infiltrações. Era um lar sem rumo, agenda, rotina de limpeza e esmero, tal qual suas projeções para o futuro próximo. “A Spazio foi a quarta esta semana. Falta a Teclado, certeza de que também vão me dispensar, jovens prepotentes e escrotos. Até livros de receita eles emplacam”, praguejou. Foi até a geladeira, abriu uma lata de cerveja e sorveu-a de uma só golada, como que a tomar coragem para repescar o telefone.

“Antes de mais nada, ligarei para a Fabíola para saber como está aquela menina e ouvir as novidades do Bentinho. Que saudades do meu neto!”, dizia essas

coisas para se convencer de que a filha o iria recepcionar bem e querer saber em que pé estariam suas coisas, sua vida, seu existir naquela carapaça invisível chamada frustração, pesada e cheia de amargores.

O telefone chamou: trrrriiii, trrrriiii, trrrriiii... que medo, que suspense! Que frio na barriga é ligar para a própria filha na certeza de ser recepcionado como um estranho qualquer, um desagradável homem de telemarketing a importunar a paz, a normalidade do cotidiano... trrrriiii, trrrriiii, trrrriiii, atendeu! “Alô, Fabi? Como está, minha querida? Quem fala é teu pai, que ainda vive e está com saudades tuas e do Bentinho. Tudo bem por aí?”

Silêncio do outro lado da linha. Mau prenúncio para Conrado. De repente, uma fala arrastada, suspirada em aborrecimentos, apenas disse, trespassando-lhe do ouvido ao coração: “Ao que me lembro meu pai morreu, mas se ele quiser saber, de onde quer que ele esteja, que eu, meu filho e marido estamos bem, saiba que estamos. Aliás, muito melhores sem a pessoa em que ele se transformou antes de partir desse mundo para nós. Até logo! Ah, e o Bentinho já anda!”

O barulho foi o do fechamento da ligação pelo aparelho dela. E agora começava a via crucis daquelas palavras ditas por uma filha a um pai. De fato, Conrado Correia Rabelo não tinha sido lá um grande genitor desde que se separou da esposa. À época, Fabíola e Henrique, o mais novo, já eram pessoas feitas, então, na cabeça autopiedosa dele, merecia ao menos gratidão e condescendência por nada lhes ter deixado faltar durante a infância e juventude.

E Conrado realmente fora um bom provedor. Até o fatídico dia em que Henrique, já moço, maduro e noivo, descobriu numa criteriosa investigação, que até detetive teve, que o pai traía a aparentemente doce e amada esposa Mariana, com a vizinha de apartamento deles. “E já há anos, pelo que descobri”, dizia o investigador.

Excluindo-se a dor de um pecado terrível para com a mãe, dedicada a suprir os filhos do carinho e amor que ele não dava, a família teve de lidar com o infarto de dona Mariana ao saber das estripulias pós-redação do marido. Chegando tarde do trabalho, ele optava por subir um andar acima do seu e curtir o fim de noite regado a uísque, cigarros mentolados e muita massagem de Rosália, dez anos mais jovem do que ele.

Isso foi imperdoável e quase custou a vida da companheira numa complicada operação de emergência no melhor hospital da região. Hipertensa e diabética, viu sua existência desmoronar pela doença da traição e do desamor de alguém com quem compartilhou família, sonhos e descendentes. Seus dois filhos jamais o perdoaram e, se ele quase havia feito a matriarca morrer, morto estaria a ambos para sempre.

Tudo isso ocorreu há mais de sete anos. Fabíola e Henrique se casaram e têm seus filhos por criar. Chamaram-no protocolarmente às bodas e ao batizado, como a um estranho chefe de Estado a quem a diplomacia não poderia deixar de convidar num momento de triunfo de suas nações, sem contudo deixar de esfregar nas ventas dele um imenso desprezo por seu país estar arruinado.

Suspirou profundamente, lembrando todas as cagadas ventiladas e arremessadas que colecionou em sua vida pessoal: “Nem uma porra de livro histórico eu consigo de redenção a eles. Nem isso. Que caralho! Não quero tomar outro ‘não’ hoje, da Teclado. Vou sair pra arejar”. Foi ao boteco do Venâncio, quase na esquina com a rua Augusta, a fim de afastar aqueles poderosíssimos fantasmas com algum líquido forte, mais forte do que a cevada e o lúpulo que tomara antes da terrível ligação.

Chegando ao bar, o dono o reconheceu de pronto ao sentar a bunda na banquetta giratória do balcão, defronte a salgados e ovos amanhecidos: “Salve, salve, seo Conrado, aquela loirinha de sempre e um salaminho pra acompanhar?”, perguntou o valente nordestino, amigo de Conrado desde que ele veio morar no

bairro, há mais de seis anos. Com um pano de prato ao ombro, foi como sempre simpático e sorridente, mesmo estando às vistas o desalento do conhecido: “Viu nosso Coringão ontem? Que jogoço contra os porcos! Acabamos com o Palmeiras”, continuava, esperançado em animá-lo.

O jornalista apenas alavancou a cabeça para cima, dificultoso como um macaco erguendo um carro sem rodas, mirando o espirituoso Venâncio com um desconsolo que azedaria, sem limão, os salames sugeridos: “Não estou muito pra papo, Nânção, nem mesmo pra falar do nosso Timão, acredita? Tá tudo uma grande bosta, uma bosta daquelas! Então me traz a loura, sim, mas manda também uma dose dupla de Velho Barreiro limonado para eu incendiar a garganta e cocegar o esôfago e as mágoas. Salame eu vou passar. Não estou com fome e tive uma crise de gota da porra semana passada, tu nem imagina.”

O baiano fez cara de desalento, tentando partilhar a tristeza do colega e cliente, imaginando as mazelas de sempre – “ex-mulher, filhos e netinhos lindos”, como o próprio dizia quando a turma se reunia e a cachaça subia algumas doses depois. Aproveitando que o balconista se retirou a buscar o pedido, Conrado pegou o celular a fim de ligar para uma outra editora, desta vez a Manuscriptum. Tinha melhores esperanças nesta do que na Teclado: “Depois dessa será a última, a última de dez, DEZ putas de editoras que nem com meu nome no mercado de reportagens e crônicas se interessaram em publicar meu canto do cisne, minha magnum opus.

Mais uma vez, as trombetas da agonia começaram a soar em seus ouvidos — Tuuuu, tuuuu, tuuuu... Mesmo tendo sido repórter e editor-chefe por décadas, sempre odiara falar as platitudes quase certas que o telefone encerra em conversações intermináveis: “A chata da Mariana, que não saía de uma ligação nem pra deitar comigo, a safada”, e mais tuuuu se seguia, até a voz mansa da atendente o recepcionar daquele jeito protocolar de secretária eletrônica: “Editora Manuscriptum, Stephanie, bom dia, em que posso estar ajudando?”

“Queria saber se minha obra, chamada ‘O Pracinha da Bota’, foi apreciada e aprovada, ou não, para publicação com vocês. Sou o autor, óbvio, Conrado Correia Rabelo, jornalista. Sim, eu aguardo”. Enquanto corria o entretempo, Venâncio, já percebendo do que se tratava, interpelou o amigo: “É o teu livro do soldado? Aquele cheio de ação, que ia mesmo explodir, chefia?”

Conrado deslocou o fone do aparelho para responder. “Ele mesmo, Venâncio. É a décima, décima editora pra quem eu mando o trabalho! Isso é pior que procurar emprego na minha área. Lá, eles ainda apreciam e elogiam, coçam teu ego em cima do currículo, manja? Aqui, nada, cagam pra ti, nem devem ler o que mando. Já perdi as esperanças.”

Naquele instante a secretária voltou à chamada: “Senhor, neste momento a política de contenção de gastos da editora, parece, não está promovendo autores e títulos novos. Apenas os que já contamos em nosso catálogo, mas agradecemos muito o interesse em nossa marca e sua obra ficará nos arquivos, em stand by, no caso de nossas diretrizes mudarem num médio prazo.”

O coração palpitava na garganta do coroa a ponto de tremer os dedos, como sempre ocorria quando ficava enervado. Engolindo a primeira dose em copo paulista da pinga verdinha, ele contestou: “Teu nome é Stephanie, certo? Olha, sei que você não tem nada que ver com a questão, mas pode mandar os teus superiores estarem enfiando no lugar que eles hão de saber o stand by da minha obra, querida? Aquele beijo no seu coração!”, desligou com força e socou a pedra da bancada, terminando a segunda dose de aguardente.

Venâncio voltou-se novamente ao cliente, já adivinhando o que se havia passado: “Nada de novo, professor? Que pena. Se tu escreveu deve ser coisa da boa”, disse aquele bom ouvido de balcão. “Pois é, rapaz, a coisa tá feia pro meu lado. Minha filha diz na minha cara, quer dizer, no meu tímpano, que o pai morreu e meu filho nem me atende mais. O foda é ficar sem ver meus netinhos, a melhor parte de mim e da Mariana, a melhor parte deles também.”

O balconista percebeu a depressão no ar, pegou o copo paulista de Conrado, encheu de Barreiro, espremeu o limão e serviu, não antes de repor a cerveja na camisinha de plástico: “Por conta da casa essa aqui, doutor. Pra espantar essa tua tristeza. Essa tristeza que Sampa, essa cidadona de louco, põe todo dia dentro de nós, engolindo a gente num pranto da gota! Todo mundo tem muito problema, seo Conrado. Pensa que o teu não há de ser o pior ou o mais complicado de se resolver”, cravou.

Conrado sorriu à boa índole do amigo: “Valeu, Nânção, você é um dos poucos que me alenta, por incrível que pareça. Fico sozinho a semana toda no meu cubículo, cheio de livros naquele apê sem faxina, jogado à minha solidão desde que terminei o livro. A empolgação durou até mandar para as primeiras editoras, de conhecidos, e ver que todos estavam cagando e andando pro meu trabalho. E, lógico, pra mim também.”

Terminando de consumir as muletas etílicas, o jornalista deu a mão a Venâncio, pagou a conta no caixa e saiu calçada afora. Logo ao lado estava a banca do Mingos. O seo Domingos, manquinho de tudo e cinquentenário na ladeira da Augusta, sabe-se lá Deus como, já que aquelas pernas desproporcionais tinham de alcançar o seu comércio cravado na subida. No letreiro da banca lia-se bem grande: “Literatura espírita. Livros psicografados. AQUI TEM.”

Igualzinho à época em que era criança, quando uma ideia surgia atrás da outra no moleção travesso a brincar no sítio dos avós, uma luz de naufrago em tormenta acendeu na cabeça do velho redator. E pôs-se a pensar, junto com seus anjos e demônios, tudo ao mesmo tempo: “E se... bom, sei lá, não custa tentar. Não, não custa MESMO tentar”, e adentrou ao quiosque de jornais.

“Tarde, Mingos, quero dois dos livros espíritas que mais vendem aqui na tua banca. Sem perguntas, por favor”. O jornaleiro o olhou com sobrolho espantado:

‘Que será que ele quer com livro espírita? Logo ele, que execra religiões?’, pensou e deixou claro esse pensar ao freguês sem dizer palavra, a pedido dele mesmo.

“Bom, se o Conrado, tem esses dois aqui, ó “O Amor Venceu”, e esse outro “Quando Amar é a Barreira”. Conrado folheou e olhou bem para o acabamento, as páginas, a formatação, diagramação dos trabalhos: “Que coisa, não, Mingos? Tudo acaba em amor igual os reggaes que meu filho ouvia, que sempre acabavam em mar”, tossiu e riu em desespero, forçando o dono da banca a rir também em nervosismo contagioso.

“Quanto ficam os dois? Cinquenta e cinco? Hummm barato até, mas também com esse acabamento de merda, e a história não deve ser lá essas coisas. Bom, não é pra mim mesmo, é pra minha ex-mulher. Vou levar”, mentiu sem pudor, com vergonha de escancarar suas verdades inconvenientes ante vizinhos atentos.

Despediu-se dele e subiu as quadras rumo ao seu covil, agora apressado, com uma ideia palpitando em sua mente: “Se conseguir editar... mudar um pouco a linguagem, o título, escrevendo melhor que esses ghostwriters espíritas... certeza que eu emplaco na editora deles, digo que é psicografado, sei lá, a merda que for. Tenho que tentar.” Passou pelo porteiro sem nem ver as correspondências, tão apressado que fez o zelador Ataliba se perguntar se ele estaria de novo com crises de ansiedade, como há pelo menos dois anos tinha regularmente.

Chegando ao apartamento, Conrado iniciou a vasculha no conteúdo das obras. Queria entender seu antigo inimigo, os trabalhos religiosos. Agora ele os via como aliados de primeira hora e velha necessidade! Desejava absorvê-los, conhecer seus segredos, seus meandros e adeptos: “Tenho que tentar! Vou tentar! Vou reaparecer vivíssimo pra minha família, eles vão ver, quer dizer, vão ME ver...”. Abriu o primeiro deles e começou a folhear.

II – Ler para crer

Sai fora, Leon!”, disse Conrado ao afastar o vira-lata malhado que batizou com o nome de seus ídolos, a dupla russa de ‘leões’ prediletos Tolstói e Trotsky. Havia achado o cãozinho assim que se mudara, perdido e desamparado como ele, na rua Treze de Maio, numa noite fria de um já distante junho.

Seu mascote e os estimados livros eram agora as únicas companhias em meio à solidão envolta pela poluição do bairro, por postes e fios de alta tensão, e pelos sons de gentes, ônibus e buzinas da Augusta. Além de sua biblioteca particular, havia também uma pilha de discos de vinil e CDs que iam de Raul e Secos e Molhados à Tropicália, Jobim e Gilberto, passando ainda por Hendrix, Zeppelin, Stones e Morrison. Todos bem acompanhados pela torre vizinha de poeirentos DVDs de Fellini, Almodóvar, Bergman e Rocha. Era um todo de sebo sem clientes em decomposição gradual e cataclísmica.

No cômodo contíguo, a sala de TV havia uma ampla janela retangular a dar para a cidade, com quadros tortos em composição com rachaduras nas paredes. Eram pôsteres de times históricos do Corinthians, seu “ópio consentido”, segundo ele próprio, e algumas de suas maiores matérias e furos jornalísticos que deram capas de jornais. O acervo foi juntado às pressas após a colérica separação conjugal, em que a mulher ameaçou queimar tudo caso ele não fosse buscar seu ‘espólio de cafajeste’ em menos de vinte e quatro horas.

Tudo o que lhe restara, portanto, era aquele tombado e barulhento apartamento no terceiro andar, ali colocado num improvisado que se tornou permanente. Durante o litígio do divórcio, abriu mão de tudo, numa jogada surpreendente até para os advogados do imbróglio. Conrado legou à Mariana e aos filhos todos os imóveis, da chácara em Santo Antônio do Pinhal à casa de veraneio de Ubatuba, na esperança de ver compensada com alguma clemência e gratidão a terrível

traição à família. Ledo engano, todos seguiram de costas a ele, resistente em aprender que atitudes valem mais do que renúncias de posse.

E agora, como visto, pôs na cabeça a ideia maquiavélica de se passar por médium... Médium! Se idiota era Conrado no trato das coisas do afeto, tornara-se um mestre da palavra e da lábia, convencendo sempre o mais arguto entrevistado a revelar seus mais íntimos segredos. Talentoso e experiente com caneta e teclado à mão, saberia transformar sua trama, toda ela em prosa de repórter, num belo e envolvente romance espírita.

Era questão de algumas horas. Daquela tarde e começo de noite vazias, talvez metade do dia de amanhã, e ele entenderia qual é a dinâmica daquela literatura quase eclesiástica. Os apelos emocionais, quais adjetivações utilizar, estilo do texto, eloquência gramatical... Tinha tudo planejado: “É tudo ou nada nessa porra. Que se fodam os que julgarem que fui capaz de trapacear. Vou ‘psicografar’ meu romance histórico. E ai de quem disser que sou um canalha por isso!”

Apenas ele, o irmão e alguns poucos amigos sabiam da existência tanto do diário do Pracinha quanto do projeto do livro. Detalhado até o último fio de sangue escorrido nos prados italianos, a narrativa estava praticamente pronta e, imaginava, uma dezena de ajustes aqui e ali deixariam o trabalho em vias de ser consumido por editoras espíritas! Disso não tinha dúvidas, ainda mais com o seu vasto saber técnico de cinquenta anos de matérias, ensaios e artigos para jornais.

“Hummm, muda aqui, ali, falar de amor, renúncia, incluir no meio da trama a tal da ‘causa e efeito’ dos atos praticados pelo nosso Pracinha... Alguma experiência transcendente, um baita apelo emotivo, rame-rame... É isso o que pincei no ‘O Amor Venceu’, Leon, mais nada. Que pobreza dramática, que vácuo literário! Mas é minha jogada final, compreende, cão safado?”

Leon acompanhava a pré-edição do livro no colo de seu dono, enquanto Conrado apoiava na outra perna a obra-modelo: “Acho que vamos conseguir, Leon. A coisa está fluindo, pelo menos no que estou destacando com o marca-texto, facinho. Vamos ver o nome da editora. Ahn, Editora Ascensão, muito sugestivo, né?, haha! Agora é focar em pôr um título parecido com esses livros melosos no nosso ‘O Pracinha da Bota’ e pronto! Ligamos para os editores da Doutrina. Vou virar médium, peludo, médium! Estou topando tudo pra emplacar esse trabalho nas livrarias, bancas e onde mais eles venderem. Quero prestígio, nem que seja um forjado, na surdina.”

Conrado praticava o autoengano naquele trágico caminho para a velhice e o final de vida. Apelava covardemente ao logro, na vã ilusão de resgatar respeito próprio ao bancar um vil charlatão numa fraude abjeta. E, pior, sem medir quaisquer consequências.

Bom, por se tratar de um diário, que por óbvio estava em primeira pessoa, Conrado não teve dificuldades em reeditar tudo. Na verdade, em princípio a hábil raposa datilógrafa apenas enfeitou as partes mais dramáticas das batalhas descritas e vivenciadas pelo sargento Guilherme Mendonça Fraga. O protagonista passa pelas mais diversas aflições desde a chegada à Europa, na Toscana, passando pela carnificina de Monte Castello, onde participou da libertação da cidade de Pistoia, então nas mãos dos homens de Hitler e de milícias de Mussolini.

O diário termina às portas da Lombardia, onde os últimos redutos de um Estado-fantoches germano-italiano ainda comandavam uma inútil resistência aos aliados. Tudo foi interrompido abruptamente após a campanha nas neves ao norte dos Apeninos, em março de 1945, local onde o militar morreu na explosão de uma mina terrestre. Fato esse confirmado a posteriori por Conrado em pesquisas que ocuparam dois anos inteiros de sua solteirice madura, e quase todas as suas reservas da magra aposentadoria.

“É trabalho perfeito para um romance espírita. Estou lendo esse ‘Quando Amar é a Barreira’, Leon, e sim, dá pra encaixar fácil a história do praça Guilherme numa psicografia forjada. O quê? Sim, sim, eu sei, não me olhe com esta cara, sei que é errado, antiético e feio brincar com a memória dos mortos. Mas pior é escrever blogs em redes sociais, viu?! E ainda mal escritos! E outra, sabe o que há depois desta vida? Nenhuma melhor, não! Não há nada, nada mesmo. Religiões são as tumbas onde enterramos diariamente o nosso Deus, já diria o velho Nietzsche”, sentenciou em sua costumeira parlamentação com o perrinho, juiz moral de momento e ocasião.

Depois de ler por alto toda a metade do segundo livro, sentiu-se finalmente apto para começar as adaptações necessárias. Iria equiparar o relato romanceado da vida e morte do sargento brasileiro a uma trama beirando a pieguice, onde o espírito do protagonista estaria em eterna conjuração junto a outras atormentadas e mortas almas daquela guerra maldita, cada qual ansiosa e impossibilitada de dar o último adeus aos familiares do outro lado do Atlântico.

“Não sei se o vô Eusébio vai ficar puto da vida, remexido no caixão lá no Araçá, ou se ficará orgulhoso por eu voltar a ter moral com seus bisnetos e trinnetos. Prefiro a segunda opção, afinal, no fundo, no fundo, ele já se foi pra sempre mesmo”, concluía em voz alta, abrindo a terceira lata de cerveja a olhar seu bichinho. Conrado esperava com aquelas ilações atabalhoadas, quase num monólogo repetitivo, convencer a si mesmo das palavras que proferia sem nem mais pensar. Mirando fixo nos olhos ingênuos de amor incondicional de Leon, buscava uma chancela para o crime que ele bem sabia estar cometendo.

A madrugada foi mergulhando num profundo breu, e as batidas do teclado do já gasto notebook produziam às forjas a nova versão do testemunho heroico do amigo de seu avô, relíquia por ele guardada durante décadas. Ao longo das pesquisas, aliás, Conrado descobrira que o valente era sem família, filho e neto único na humilde e pacata Vila de Extrema, sul de Minas Gerais. Crescido em orfanato, ele tinha apenas parentes muito distantes. Eis a razão para a obra ter ficado em posse de Eusébio, quando este voltou da guerra e foi recebido em

festa por sua avó e o menino que viria a ser seu pai.

Despendeu toda aquela matina e mais um dia inteiro. Só no final da tarde seguinte é que as 137 páginas ficaram prontas, lustrosas e brilhando à psicografia. “Que obra-prima da fanfarra, Leon, vamos chamar uma pizza do Bixiga pra comemorar! Aquela que tu gosta de comer as bordas grossas”, disse Conrado em festa forçosa, todo contente e mentiroso de si.

Encomendada a redonda – meia muçarela, meia calabresa, a tradicional –, nosso jornalista e médium recente lembrou de um detalhezinho crucial: “O título, Leon, o título. Qual será o título dele pra eu enviar pra editora carola? Precisa ser algo que soe carola também, algo bem melodramático. Vamos pensar antes que chegue o disco de pizza, hein? Hummmm...”

Ele pensava e o cachorrinho só o acompanhava com olhinhos curiosos, sensível a algo excitante que mudara o astral e o aspecto de seu salvador. Tão diferente era Conrado para ele da pessoa difícil e ególatra que os humanos viam e conviviam no cotidiano. De repente, um estalo e pulo de seu dono fizeram romper três tacos de madeira do gasto piso. Leon saltou e latiu em simultâneo, ficando bípede na perna de Conrado: “Já sei, já sei”, dizia ele acariciando com afeto a cabeça peluda do companheiro.

“O que acha de ‘Paz na Guerra?’ Trivial, meio clichê e previsível, tô sabendo, mas perfeito para uma prosa-chiclete na cabeça dos esotéricos. O fim, claro, já estava em romance, e eu o fiz bem trágico na tomada da Lombardia, na morte corajosa do sargento Guilherme. Agora é só adicionar um desfecho extraterreno e pronto! Fica um ‘Guerra e Paz’ às avessas, uma homenagem singela e satírica ao Tolstói, meu ídolo maior nessas coisas de escrever, Leonzinho, teu xará.”

O animalzinho só ladrava, ingênuo, contagiado pelo entusiasmo sincero de seu

amigo, algo que há tempos não via. O porteiro interfonou informando a chegada da pizza. “Pena que hoje é sábado, mas segunda-feira eu já ligo para a Editora Ascensão. Vai dar tudo certo por linhas tortas, já diria o Deus da maioria, não é mesmo, pulguento?”.

A pizza caiu muito bem a ele, que degustava cada mordida de seu recheio favorito com as esperanças renovadas na reinvenção da própria razão de ali estar. Não importava ser falsa e maquiada toda aquela armação que ele engendrava, membro único da quadrilha mental que vivia em seu atormentado cérebro.

Talvez esse fosse mesmo o real pecado de Conrado, homem mais afeito ao contato com o cérebro em detrimento do coração. Passou a vida inteira obedecendo a comandos da cabeça, superior e inferior, sem se dar conta do quanto se estrepava a cada ato artiloso ou ação instintiva praticada, como a que levou à destruição da família semeada com Mariana, a única provável pessoa que realmente tenha amado antes do nascimento de seus filhos. Mesmo com eles, descendentes e prole, o sentir-se amoroso do velho era dificultoso e confuso em gestos e palavras.

“Segunda vou ligar e oferecer o ‘Paz na Guerra’ para os egrégios editores de lá, Leon. Espero que não mexam muito nem piorem o que tanto trabalho tive para adequar ao simplismo lírico deles”, riu-se arrogantemente enquanto lavava a louça. “Amanhã vou ligar pro Eugênio. Vai gostar de saber as novidades, o romper da coisa mal parada em que estava minha vida.”

Advogado de relativo renome, Eugênio era seu melhor amigo e padrinho de Fabíola. Na verdade, o único que sobrou à hecatombe social de sua vida e, sejamos honestos, a raríssima pessoa que aguentava suas manias, esquisitices e hábitos egoístas. Marcado para a tarde de domingo, o encontro foi amigável, regado à boa cerveja, e Eugênio notava no amigo alguma abertura, um estranho sol a brilhar naquele corpo dado às chuvas e mau tempo.

“Que tá rolando contigo, Conrado? Arrisco dizer que estás até feliz, como há anos não te via. Pode abrir a boca e dizer o que se passou desde a última vez que nos vimos.”

Conrado esticou o braço para alcançar o ombro do compadre, batendo com força carinhosa nele antes de desferir um largo sorriso: “Vou conseguir emplacar a porra do livro do puto do amigo do meu vô Eusébio! Cara, finalmente, finalmente dei um jeito de mostrar uma boa história contada por um contador ainda melhor. Claro, tive que ajeitar umas coisinhas aqui e ali, mas o resultado foi bem satisfatório.”

Eugênio abriu a boca de contente estupefação: “Que ótimo, seu puto. Meus parabéns, de verdade, e onde é que você conseguiu essa façanha nesse país em que ninguém lê e quase tudo o que sai é digital, de autoajuda ou almanaque de times de futebol?”

Era a pior parte da história. Contar ao sempre repreensivo confidente a maracutaia que estava prestes a realizar: “Pois é, Gênio, por tudo isso que você tão bem enumerou, eu tive de apelar para uma seara que não é muito a minha, a nossa. Eu... Vou tentar publicá-lo numa editora de espiritismo. Vou me passar pelo psicógrafo da coisa toda.”

O tio de cara amassada feito casca de laranja arregalou os olhos verdes, grandes, claros e argutos, e foi ficando da cor da própria fruta da Pérsia quando terminou de ouvir, com tamanha desfaçatez, a barbaridade ética que o maluco do amigo estava para fazer. E nos planos terreno e celestiais! “Você só pode estar de brincadeira, Rado. Você... você é louco, só pode, não é possível, cara! A gente acha que tu vai acertar uma bola no ângulo e me vem com essa, jogando a bola na praça Charles Miller. De onde, nessa tua mente breaca, você tirou essa ideia dos diabos? Tem noção do que é mexer com o que não conhece?”

Conrado previra essa reação e até a bronca, o conteúdo dela, cada palavra saída da boca do amigo, só não tinha contado com essas últimas palavras: “Não, realmente não tenho ideia de onde estou amarrando meu burro, mas a essa altura de minha não-vida tá valendo tudo, Gênio! Tenho netos que nem sabem direito que existo porque os filhos acham o avô um merda, quase assassino da mãe, mesmo tendo passado tudo em vida pra eles e ido morar num três-em-um com um cachorro, que é o único que se alegra em me ver hoje em dia! Mesmo assim esse ex-pai de família continua sendo visto como um demônio, um crápula, um traste! Não, Gênio, realmente não tenho ideia de onde estou pisando, mas vou mergulhar fundo nessa piscina escura. Que se foda tudo!”

O camarada abriu bem os olhos, desta vez se aproximando do rosto do jornalista e apoiando sobre a mesinha de plástico vermelha e melada, tão comum nos bares do centro da cidade: “Olha, Conrado, eu te conheço desde que tu colocou groselha na caixa d’água do colégio para o anjo de pedra mijar vermelho na fonte do pátio. Aposta ganha, ganhou até beijinho na boca da Luciana, a mais linda da sala, mas depois foi expulso, lembra? Sei de todo e qualquer ato ou segredo teu, como tu bem sabe os meus. Vou te dizer uma coisa, como irmão que quase somos, não se brinca com a fé dos outros, nem com coisas que não se pode explicar, cara! E assim digo que é de todo errado o que você vai fazer. Meu dever manda não passar a mão na tua cabeça doida.”

Eugênio era o único que Conrado realmente escutava e que conseguia lhe causar algum impacto com o que dizia. Por isso, só arregalava os olhos e tomava nota mental do que ouvia do amigo, que prosseguiu: “Tenho um conhecido, um fotógrafo. Ele serviu na África, pelas bandas de Angola, durante a guerra civil sangüinária do país. Lá ele se envolveu com uma moça de uma aldeia longínqua, do interior das savanas. Engravidou ela e voltou para o Brasil sabendo que ela estava para ter o bebê. E que seu pai, um feiticeiro respeitado, tipo um pajé de lá, lhe rogara uma praga feia: que nunca mais ele seria feliz quando tivesse vontade de expressar alegria, já que tinha tirado a alegria de sua filha e neto. Isto faz quase trinta anos, meu velho. Ele hoje vive num sanatório particular de Campinas, cheio de ânsias, ataques de pânico, fúria e tremeliques epiléticos.

Vive achando que está doente terminal, com AIDS, câncer, malária...”

O ‘causo’ era horripilante como bem fazia parecer o ardiloso advogado, sempre eloquente orador, mestre na retórica como Conrado era na escrita. Ele sabia bem da franqueza de Eugênio, não estava aumentando nada ali, assim como sabia do especial carinho que os unia. Além do mais, o confidente era quase tão cético quanto ele próprio, na verdade um agnóstico: “Eu não tenho outra escolha, Gênio. Agradeço a tua opinião e alerta. Na verdade, sabia que iria ser assim quando te contei. Você sempre foi o mais sensato de nós dois, por isso mesmo tua vida é hoje essa estabilidade e a minha... Bom, a minha estou tentando dar um jeito. Um jeito certo nem que seja de um jeito torto, como o ensina o ditado sobre o Deus judaico-cristão, né? Eu vou tentar, tenho que tentar, mas levarei em conta o que me disse, amigo.”

Eugênio retrucou olhando para baixo, como quem antevê a causa perdida: “Acho bom levar mesmo, Rado, você é teimoso pra mudar de ideia, sei bem, mas tenta ficar atento aos riscos disso tudo. E antes que você me peça, pode deixar que não contarei tua trama pra ninguém”. Riram azedo e brindaram. Conrado tentava esquecer o alerta assustador que o caso de Angola encerrava. Ao chegar em casa, dormiu de mente pesada pelo presságio, pela bebedeira e pelo que estava prestes a fazer, mas não havia mais voltas a dar. Era tudo ou nada!

No dia seguinte, uma maldita segunda-feira, dia mais detestado pelos solitários, desempregados e desocupados de ofício, coração e mente, Conrado acordou na faixa de costume, entre 10 e 13h. Às 11h30 já estava vestido em trajes de labuta, pegou o sem fio e telefonou para o número que indicava os dados da Editora Ascensão, indicado na contracapa de ‘O Amor Venceu’.

E tome os tuuuu, tuuuu, tuuuu nas batidas nervosas do destino, prestes a sempre mudar para bem ou para mal. A voz suave de uma moça que transparecia veludo anímico no timbre veio da outra linha: “Editora Ascensão, Vanessa, bom dia! Seja bem-vindo, em que posso ser útil?”

Por um segundo pensou ele em desistir de tão desonesta empresa, voltando à sua tristeza capsular à espera da morte ou de um milagre (material, não divino, digase). Não, não, não, ele iria em frente! Engoliu a seco o pigarro que subia e sentia no rumo do cocuruto.

“Olá, Vanessa, bom dia. Meu nome é Conrado. Eu sou... sou... como se diz, posso dizer? Jornalista... Ah sim, e sensitivo, éééh... Tenho, quer dizer, agora tenho certeza de que tive um contato direto com um espírito, é assim que se fala, né? É de um homem, um militar brasileiro que lutou e morreu na Segunda Guerra Mundial, lá na Itália. Não sei explicar bem como, pois foi a primeira vez que realmente me invadiram o corpo. Eu, quer dizer, ele escreveu por mim durante meses. Eu sentava à mesa, ele soprava e eu escrevia! Bom, saiu o livro de memórias dele, psicografado, de minha autoria pelo seu espírito. Seu nome era Guilherme Mendonça Fraga. Gostaria de saber se posso lhes enviar o original para avaliação e possível publicação.”

Todo aquele cuidado de interrogatório pareciam ser nada para a menina do outro lado da linha, que simplesmente congratulou Conrado pelo trabalho e mediunidade explicitados, dizendo: “Mande pra gente dar uma olhada, seo Conrado, o endereço do e-mail é o que está no verso dos nossos livros. Como veio de um jornalista, acho que ainda hoje lhe damos uma resposta sobre nosso interesse ou não, tá ok? Com certeza deve estar bem escrito e bonito de ler.”

O coração do velho quase pifou de tamanha emoção, culpa e excitação, tudo misturado na bomba cardíaca castigada de fumante contumaz que foi por mais de trinta anos, parando o vício à base de adesivos e muito calmante. Era quase o limite de arrebatamento que aquela pobre válvula suportaria: “Muito... muitíssimo obrigado, minha cara. Fico no aguardo, então.”

Fazendo o que mais gostava numa conversa telefônica, desligar, Conrado pegou

Leon pelas patas dianteiras, jogando-o ao ar por puro contentamento, como fazia com seus filhos quando pequenos: “Ela curtiu, Leon! Vai ler, vão aprovar, vão gostar, tenho certeza! Viva, viva, viva cachorrinho, cachorrão, opaaa!!! Vem comigo, aqui, no meu colo, vamos mandar o e-mail com o arquivo agora, senão é capaz de esquecermos, né?”

Terminado o envio com mensagem quase sabuja de agradecimento, o jornalista saiu para almoçar, deixando Leon com as sobras da pizza de sábado e mais o punhado de ração que tinha comprado no mês passado: “Hoje vou comer com gosto um virado à paulista! Com direito a paçoca e cafezinho de coador, aqueles bem aguados e coados de manhã. Vai até descer bem uma merda dessas na felicidade em que estou.”

Comeu contente no bar do Venâncio. Contou exultante a meia verdade da publicação ao parceiro de balcão. Tinha dado o número do celular à tal Vanessa, mas preferia esperar em casa, louco para abrir o último vinho francês que ainda tinha na adega para celebrar o início da vitória final de sua existência. Agradeceu a todos as felicitações pela conquista, pagou a conta a sorrir para a feiosa do caixa e voltou ao seu quartel na Peixoto Gomide. Eram duas da tarde, hora inicial para esperar o ansiado retorno.

Só ao fim do dia a desgraça do telefone, primeiro o fixo e depois seu celular, começou a tocar feito louco. E louco quase estava ele, desiludido e já na metade da garrafa do vinho, já o bebendo para esquecer a iminente esnobada que antevia até da editora espírita! Correu e atendeu de pronto, a voz tentando disfarçar ansiedade: “Oi, pois não? Com quem quer falar? Sim, é ele mesmo, Conrado, muito gosto, o que deseja?”

A voz era da mesma Vanessa, que confirmava a bondade de suas ações mesmo à distância, transparecendo alegria ao ser portadora de boas novas a quem as esperava, algo difícil hoje em dia. A cada suspiro elogioso de Conrado, o timbre da moça ficava mais doce e feliz em reportar a aprovação da obra ‘Paz na

Guerra' para edição, publicação e distribuição em bancas de jornal, internet e livrarias especializadas: “Sim, senhor. A história é muito boa e nossos editores, vendo que você é jornalista e deixou o texto bem redondinho depois de receber o espírito do soldado Guilherme, acharam que pouco terão de fazer para editar essa trama tão bonita. Parabéns, senhor Conrado.”

Não caber em si de satisfação era monta pouca para ele, que estava radiante. Naquele momento, sequer se lembrava das considerações pessimistas de Eugênio. Conrado, porém, mal sabia que a abelhinha alojada na consciência de cada um de nós tinha cravado, a zunir, as palavras do amigo-irmão para que não fossem facilmente esquecidas. “Maravilha, Vanessa, muito obrigado pela sua presteza e atenção. Você parece gostar do que faz também”, disse Conrado empenhando-se em buscar tradução para a boa-fé que a moça inspirava na voz.

“Imagina! O senhor pode vir aqui amanhã às 15 para conversar com o dono da editora? O pessoal quer te conhecer pessoalmente e ajustar detalhes quanto a contrato, verbas, tiragens etc., tudo bem pra você? Ótimo! Vou passar o endereço, fica na Avenida Lins de Vasconcelos, conhece? É na Aclimação, pertinho do cemitério da Vila Mariana, fica bom pro senhor lá amanhã às 15?”

Mal terminando de anotar, respondeu sem pensar: “Fica perfeito, querida Vanessa”, nem ele sabia de onde estava tirando tanta gentileza. “Então a gente te espera aqui. Até amanhã, seo Conrado e, mais uma vez, parabéns pela mediunidade.”

Estando agora naquele momento em que não sabia onde enfiar a cara, desferiu nosso patife o golpe de misericórdia em sua honradez: “Obrigado, minha cara. Pois é, eu sempre me afastei dela, corria, tinha medo desse poder que Deus me deu... Mas agora me rendi a ela pela palavra deste espírito heroico do soldado Guilherme. Até lá”.

Conrado não sabia se agradecia, chorava ou caia no riso. Era tudo o que ele esperava, mas ao mesmo tempo ainda não estava preparado para tanta desfaçatez. Bom, era melhor que estivesse, já que os dados rolaram e o jogo de faz de conta só começara.

III – Contrato Celeste

Conrado despertou jubiloso naquela manhã cinzenta e tipicamente paulistana de meados de maio, mas a ele lhe parecia que tudo estava no mais profundo azul daquele fulgor que trazia na alma. A pequena abelha da retidão bem que martelava em sua mente, tentava alertá-lo para o quão antiético e imoral ele agia ao alegar ser o que não era e, pior, enganando gente de boa índole e intenções.

Para ele, contudo, a abelha não passava disso mesmo, um pequeno inseto que cantava as verdades chatas num instante de alegria como há décadas não vivia. “Que se foda se é falso, Leon. E que se foda você e essa maldita abelhinha zunindo toda a vez que desejo extravasar algo que nem lembrava poder sentir e que mereço, mais do que muitos, experimentar de novo: essa sensação de dever cumprido, de busca recompensada, de esforço correspondido. Agora me deixe ir que não posso atrasar.”

Despedindo-se do cão como quem dá adeus a um mestre ou sacerdote, desceu ao térreo. Tinha uma hora e meia para atingir com sobra o local do encontro. Para ajudar a pressão arterial, subiu a pé a ladeira da rua Augusta rumo à Avenida Paulista, depois pegaria o Aclimação-Circular, de cor laranja, e desceria no cruzamento da Lins com a Rua Robertson, ponto para pular do busão. De lá eram apenas algumas quadras até o edifício.

Durante o trajeto, até seu olhar de antigo repórter estava mais generoso para com a cidade em que se criou, trabalhou e que viu crescer rapidamente. A São Paulo onde educou os filhos, foi amado e odiado. Estava ele de volta a um propósito maior, muito bom para afagar o ego, mas também para o manter de pé, caminhando e lutando por recuperar tempos e amores de pessoas a quem ele tanto machucara e ainda não havia sido capaz de reconquistar.

Entrou no ônibus onde muitas dessas mazelas se tornam súplicas de pessoas com problemas ainda piores e muitas vezes mais sozinhas do que ele, todas lá a olhar a vida pelo vidro lateral da máquina ou a dormir e sonhar com dias felizes que nunca chegam. Aliás, um de seus pecados era justamente esse autocentrismo estúpido, incapaz de mirar acima e adiante da barriga gorda e do peito peludo, cheio de cicatrizes físicas e emocionais. Um individualismo gigantesco e imperceptível, capaz de esfriar até os abraços que não teve e pretendia de seus netos.

Agora ele conseguia ver as coisas com maior complacência, em contradição igualmente boçal e extrema. No momento, todos os passageiros pareciam alegres aos seus olhos, corriam e riam em festa atrás de seus haveres e deveres porque ele, vejam só!, ele estava feliz! Essa confusão com o social sempre ocorrera e nunca abandonou o turrão. Nem mesmo na época em que estabilizou sua vida sentimental, que, como sabido, sofreu abalos irreparáveis. Abalos causados por uma índole imediatista e sem fé, pronta para escalar um Aconcágua de desamor e despejar lá de cima uma avalanche de indiferença em seus companheiros de jornada.

A tal abelha às vezes tentava alertar sobre isso. Quando pensamentos de felicidade egóica dominavam o cérebro de Conrado, liberando altas doses de endorfina pela satisfação de ser quem era, independente dos demais à sua volta. Ele bravamente lutava contra o cruel assédio do petulante inseto, ignorando, galhardo, aquele pedaço de si que adorava pôr ‘água no chope’, como dizia a si próprio nesses lapsos de consciência altruísta.

Ao descer do ônibus, fez nova e breve caminhada pela Aclimação, chegando ao prédio da editora instalado, singelo, entre dois edifícios comerciais espelhados e de bom porte. Na verdade, um complexo religioso, digamos, com portaria, interfone e dois andares destinados a reuniões da Doutrina de Allan Kardec e Chico Xavier. Era a primeira vez que o descrente jornalista punha os pés em solo pio desde que a avó materna o obrigara a maçantes e intermináveis missas

dominicais, além de encontros espíritas e penitências semanais regiadamente cumpridas até os treze anos de idade.

Foi informado pela moça da limpeza, outra delicadeza de pessoa, que a editora funcionava no terceiro e último andar do edifício, para onde se dirigiu por simétricas escadas de granito, ladeadas por rampas para cadeirantes. Não havia elevadores.

No caminho, Conrado pôde ver diversas salas com campanhas para donativos, mutirões e ativismos comunitários voltados às regiões centro, leste e sul da cidade. Áreas periféricas da metrópole, perigosas e insalubres, eram contempladas por voluntários da casa de caridade: médicos, cozinheiros, professores, assistentes espirituais e psicólogos, como mostravam as sinalizações das salas e os crachás das pessoas. A cada indicação capturada de relance, mais o remorso acometia sua cabeça dura e maior era o zumbido da sensatez da abelha no tribunal mental do senhor Correia, que antes de lá chegar pensava estar se aproveitando de mais um proselitismo teológico barato e vigarista. Não era o que aparentava.

Foi recebido na porta principal da editora pela mesma Vanessa que o atendeu remotamente no dia anterior. A menina era mais jovem do que ele imaginava, uns vinte e seis anos no máximo, e mais desgastada pelas durezas da vida. Era, todavia, até mais educada e simpática do que ao telefonema: “Então eis o famoso senhor Conrado! Que surpresa receber sua ligação naquela tarde! Pelo que o sr. Hélio, nosso chefe de edição e presidente do centro, disse sobre seu livro, a história do irmão desencanado que esteve consigo é emocionante e comovente. Seja bem-vindo! Aceita um chá, café ou um copo d’água?”

O primeiro elogio presencial sincero a um insincero trabalho é sempre tortuoso, fazendo com que nosso velho desviasse o olhar dos olhos da menina: “Só um cafezinho puro mesmo, mas num copinho de servir água, se possível, querida, duplo, no caso. Muito obrigado pelo elogio, muito bom saber que o pessoal

daqui gostou”, disse ele tão corado quanto no dia em que foi pedir Mariana em noivado.

Decidiu elogiar o que tinha visto da instituição: “Muito bonito o trabalho de caridade e voluntariado que vocês fazem na periferia e nos bairros centrais. Achei bom demais para um país egoísta e desigual como o nosso”. Agora era tudo ou nada, estava tendo realmente que vestir a carapuça de intérprete espiritual no livro de sua vida, ou melhor, na obra de toda sua vida sobre o amigo do avô Eusébio. Era manter a criação e aperfeiçoar a personagem. ‘O vô morreu, nada mais ele pode sentir ou o atinge. Nada tenho a temer, portanto’, pensava no típico convencimento duvidoso de um ateu convicto.

Após servi-lo, Vanessa o encaminhou para um modesto e comprido sofá de couro, envelhecido e desgastado, defronte ao guichê em que trabalhava: “Daqui a pouco se o Hélio virá te atender. Ele e a esposa criaram toda essa casa, todo o centro espírita e as atividades que realizamos. Há trinta anos investem tudo o que têm para ajudar o próximo, gente carente e necessitada de tudo um pouco. Inclusive eu, que estou aqui há dez anos e sustento com salário digno a filhinha que o mestre Jesus legou aos meus cuidados. E não é fácil ser mãe e pai ao mesmo tempo, se o Conrado. Eles foram bons demais pra mim e...”

Naquele instante adentrou à sala de espera, vindo do pequeno portal de vidro duplo, um senhorzinho aparentando ser alguns anos mais velho do que o jornalista mediúnico: “Está fofocando com o visitante, dona Nessinha? Essa aí, se não der um basta, faz o café esfriar ou faz você prestar mais atenção nessas revistas de curiosidades de anos atrás”, riu-se o idoso com ares benfazejos e pacifistas, desabrochando tranquilidade à sua volta.

Conrado levantou-se imaginando ser o tal Hélio. Não se enganou: “Tá aí, se o Conrado. Esse é o senhor Hélio de quem tava falando pra você. Ele que avaliou seu livro e quer muito publicar a história. Melhor não dizer mais nada, agora é com vocês”, disse Vanessa.

O plácido, grisalho e desgrenhado sênior, baixinho de altura, mas com uma presença marcante, aproximou-se sem cerimônias, estendendo-lhe primeiro a mão direita: “Muito prazer, Conrado. É uma honra conhecê-lo e termos recebido esse seu relato psicografado tão magnífico. Vamos entrando, minha salinha é aquela ali ao final da redação.”

Ambos sorriram à gentil recepcionista e adentraram ao salão intermediário, onde alguns computadores, impressoras, refiladores e outros itens lembravam, em detrimento do tamanho, as grandes gráficas de jornais que Conrado tão a fundo conhecia. O pequeno escritório de Hélio não era propriamente dele, mas um local de retirada e devolução de títulos da biblioteca anexa ao complexo gráfica-redação, onde se via mais cinco trabalhadores, atarefados e satisfeitos, digitando e empilhando sulfite sem cessar.

Era um lugar que inexplicavelmente fazia Conrado sentir-se em paz consigo próprio, o que só aumentava a cada passo as ladainhas e bramidos do seu inseto mental. “Pois é, aqui é uma biblioteca comunitária e tem os clássicos da literatura espírita, por assim dizer, além de uma seleção bacana dos maiores nomes da literatura universal. Tudo veio da nossa coleção, minha e da Angélica, minha esposa. Tínhamos livros demais, já lidos e empoeirando em casa, então trouxemos assim que fundamos o centro e a editora, há uns trinta e tantos anos, já nem me lembro. Mas aqui está ruim para se ler em silêncio, estamos tentando dar um jeito nisso ainda, aumentar o terreno, sei lá. Mas entre, vamos ao que interessa”, disse Hélio enquanto se achegava à sua mesa.

Oferecendo uma cadeira de escritório pequena a Conrado, ele sentou-se do lado oposto do corroído móvel de madeira. Nele via-se pilhas de livros a serem recolocados nas estantes da tal biblioteca. E realmente, em meio aos títulos devolvidos e reservados pelos frequentadores, eram visíveis clássicos como Cervantes, Dumas, Goethe, Dante e Pessoa misturados à psicografia de personagens bíblicos como Paulo de Tarso, São Francisco de Assis, Santo Antônio de Pádua, Perpétua de Cartago, Maria Madalena...

O jornalista ficou, uma vez mais, positivamente surpreendido: “Bacana o que vocês fazem! Estava mesmo a dizer isso pra Vanessa quando você chegou. Vi o mural de avisos, os chamados para mutirões nos bairros pobres e tudo mais. Acho louvável esse incentivo à leitura também, de todo o tipo. Muito louvável mesmo, seio Hélio. Vocês estão de parabéns!”

Ele agora devolvia o elogio com um largo sorriso a mostrar as rugas, verrugas e os dentes mal cuidados, que revelavam sua total ausência de vaidade ou luxos: “Fazemos o que podemos para ajudar a quem precisa, Conrado? O senhor sabe que demanda pra isso aqui no Brasil nunca irá faltar, até que os lá de cima parem de falar o nome do Mestre Jesus aos sete ventos, sem praticar o amor ensinado por Ele e ainda conspurcando Sua memória. Exploram a fé do povo brasileiro, uma gente tão boa, não é? A nossa Pátria do Evangelho, como cunhou o escritor Humberto de Campos através do mestre Chico Xavier.”

Conrado desviava seus olhos dos de Hélio, azuis já um pouco turvos, princípio de catarata. Achava que uma análise fria das relações de poder e luta de classes não poderia vir de um cristão convicto, pois ele sempre orquestrava para propriedade privada e divisão trabalhista, no entanto ela vinha, e como vinha!, daquele homem que parecia de boas letras e formação como ele, mas que talvez tenha optado pela esperança no bem maior e divino ao invés do desespero, pela ação ao invés da lamúria e pelo amor ao invés da autopiedade.

Tentando dar uma olhada de soslaio no velhinho, ripostou então Conrado: “Pois é, seio Hélio. Para ser sincero nunca tinha entrado num centro espírita antes, apesar de ter tido uma avó, do interior do Paraná, mãe do meu pai, que era adepta da Doutrina, muito devota mesmo. Mas sempre fui um agnóstico, sabe? Desiludido com o poder das manipulações em nome de Deus. Até que, na virada do ano passado para este, tive esta recepção do amigo de meu avô, o espírito do Pracinha Guilherme. Foi como uma orientação para escrever tudo o que ele tinha para contar sobre o que viveu e sofreu durante, depois e até um pouco antes da guerra na Itália”, disse na mais honesta meia-verdade que conseguiu para aquele

inesperado momento de convergência ideológica entre ele e um religioso.

Hélio entrelaçou os dedos e os apoiou na mesa, afundando ainda mais aqueles olhos enfermos em Conrado. Suas íris claras mais pareciam enxergar por dentro de cada célula do corpo do interlocutor, que, infelizmente para o jornalista, era ele próprio: “Entendo... Bom que você já entrou no assunto porque eu ia mesmo te perguntar como tudo ocorreu, se sua família já tinha tido casos de contato com a Doutrina ou algum poder de mediunidade. Sua avó, a quem você se refere, era esposa desse seu avô que lutou com Guilherme?”

O pior é que era mesmo, não mentiu que a avó tinha nascido e se criado no sul do Paraná, e que fora adepta fervorosa dos ensinamentos do Evangelho Segundo o Espiritismo, paixão dividida com a mãe tão fortemente quanto a fé na Igreja de Roma. Conrado somente não havia se lembrado dessa indesejada relação com aquela fé até aquele momento: “Sim, é isso mesmo. Minha avó Eulália foi casada com meu avô Eusébio, o mesmo Pracinha que aparece na história narrada pelo Guilherme através da minha pessoa.”

Para maior agonia dele, Hélio sorriu ainda mais genuinamente, olhando mais fundo para sua mirada. Talvez fosse melhor acabar com aquela fraude, com a farsa impostora! Dizer toda a verdade e pronto, porque o suor frio já lhe escorria pela face e pescoço, descendo pela espinha e quase que seguia sendo novamente absorvido pelo corpo, indo parar na sua catedral, aquela alma que o velho comunista se negava a cravar que existia.

Hélio percebeu a inquietude e procurou tranquilizá-lo: “Fique sossegado, meu amigo, isso é normal em muitas boas famílias. O senhor provavelmente sempre teve um canal muito forte de mediunidade. Apenas tinha medo de segui-lo, escondeu-se dele sem querer, sabe lá. Mas ele veio a aflorar da maneira bonita que você contou, Conrado, com certeza sua avó Eulália foi o espírito velho que encaminhou essa demanda para você resolver. Não tenho dúvidas que usou o seu talento para escrita, já que a Vanessa me disse que você é jornalista.”

A coisa estava ficando feia. Conrado sempre foi muito apegado à sua avó Eulália até a sua morte um pouco prematura por um enfarto, ainda na tenra infância do menino: “Ela deve estar puta comigo agora, com toda essa teia de mentiras criando pernas na cuca podre do neto, como diria”. Pensou nisso e soltou, quase sem pensar, uma mentirosa confidência a Hélio naquele átimo de autoengano: “É isso, sou jornalista, sim. Confesso que foi uma luz divina que me guiou quando as primeiras vozes e manifestações de Guilherme começaram. Ele proferia as mensagens na minha cabeça, eu escrevia, ele pausava, falava de meu avô, mas agora relembro claramente que citava também minha avó Eulália, que ambos estavam bem. Que meu avô, inclusive, já havia, como é que se diz? Reencarnado, fiquei contente.”

“Então seu avô é um espírito mais novo que sua avó. Tenho certeza de que ela comandou toda essa operação que te trouxe até aqui com essa história bonita de renascimento na vida eterna, superior a esse plano em que estamos. Se o teu avô reencarnou antes, é porque ainda tinha a aprender aqui embaixo, nessa nossa terra inferior a outros mundos lá de cima.”

“Sei... Não”, dizia agora um exasperado Conrado à procura do primeiro buraco para se enterrar vivo. Que raios seria essa caralha de ‘espírito novo’ e ‘espírito velho’? Ele só havia dito que o avô reencarnara porque sabia ser esse um dos preceitos essenciais da fé espírita. Reencarnar, reencarnar, reencarnar de tudo que é jeito, forma e qualidade. A coisa estava ficando muito feia para ele, para a sua abelha consciente, para tudo o que via, ouvia e sentia naquele bom lugar para se estar: “Senhor Hélio, peço mil desculpas, mas tenho ainda um outro compromisso a tratar em seguida. Compromisso profissional. Poderíamos ir aos pormenores contratuais de toda a operação para publicar o livro?”

Recostando na cadeira, o velho agora riu baixinho, de modo tão bonachão e alvissareiro que nem combinava com a castidade até então aparentada: “Claro, claro, meu querido. Vamos lá: nosso centro vivia da minha renda e da Angélica, que você irá conhecer no lançamento do livro, com certeza, mas agora ele já

caminha com as próprias pernas. Então, tudo o que ganhamos com a publicação dos livros que vão para bancas e livrarias espíritas de todo o Brasil, mantém os salários e trabalhos sociais da moçada aqui da editora, além da estrutura dos voluntários lá embaixo, que se propõem a colaborar gratuitamente nas tarefas, nos passes e na assistência espiritual a quem precisa. O que eu quero dizer é que é praxe o médium destinar uma percentagem da venda da obra para a proposta filantrópica da editora, pelo que realizamos aqui e até por gratidão ao plano superior, que iluminou suas mãos em trabalho tão nobre. Tudo bem assim?”

Sentindo-se até aliviado com a possibilidade de participar daquele apelo ético, Conrado olhou para baixo, na direção das pernas imparáveis, agitadas pela desconfortável ansiedade. Era justo. Parecia justo. Teria ele que fazer alguma concessão que o moralizasse minimamente perante o espelho e os seus demônios internos. Só rezava para que o livro fosse realmente cair no gosto daqueles bondosos beatos, vendesse muito e a percentagem a ceder fosse mínima, sem necessariamente ser miserável. “Sem... Sem problemas, seô Hélio, e quanto fica essa divisão?”

“Ficamos, a despeito do padrão dos mercados editoriais, com noventa e cinco por cento de todos os dividendos que os desdobramentos do livro trouxerem, o que nos permite manter esse sistema, patrocinar novas obras como a sua e aprimorar nossas ações de caridade. Pode-se dizer que é o justo em se tratando do nosso segmento literário. Muitos, inclusive, abdicam de qualquer lucro, em doação simbólica à parte inspiradora, que é o espírito que o conduziu. Mas isso não é uma exigência, já que muitos médiuns, novos e velhos, necessitam de alguma renda para seguir psicografando as mensagens de nossos irmãos desencarnados”, explicou Hélio, quase automático, como se de um contrato verbal se tratasse.

Conrado levou uma pancada, que por pouco não abalou toda a boa impressão sobre aquele universo altruísta que conheceu de perto. Cinco miseráveis por cento de dividendos era um acinte para tanta mentira e risco ao seu nome, mas já estava longe demais para retroceder. O trabalho de sua vida tinha de ir aos olhos

de alguém, de muitos alguéns, mesmo que não fossem os de um diretório acadêmico, de bancos de um café filosófico ou de julgadores de mestres em história militar. Que se dane, ele tinha de ir às bancas, ainda que fossem as de jornal e não as universitárias, e quem sabe não adaptavam o conteúdo para telonas de cinema, para revistas em quadrinhos, mantendo seu nome como um intérprete do além na eternidade? Era isso o que ele queria, custasse o que custasse.

Suspirando profundamente, nosso jornalista então se recompôs: “Parece-me justo, seo Hélio, até por tudo o que o senhor explicou e está aqui à mostra neste seu trabalho tão bonito. Eu topo os cinco por cento de comissão, até porque sou sozinho e deixei tudo em vida para minha ex-mulher e filhos. E como jornalista vende o almoço para pagar o jantar...”

Hélio riu baixinho, levantou-se e foi na direção de Conrado, pondo a mão em seu ombro como que a congratulá-lo pela escolha: “Fique calmo, seo Conrado. Aliás, podemos nos chamar só pelo nome, sem o ‘seo’. Temos a mesma idade ou quase. Uma de minhas filhas também é jornalista, trabalha longe, como repórter numa TV de Mato Grosso, então sei bem o drama que é, tanto de ficar longe dela como pelo sacrifício que é segurar um trabalho nessa profissão bonita, mas em risco hoje em dia. Vou encaminhar você para a Vanessa, que fará duas vias do contrato com a editora Ascensão. O teu você assina e reconhece em cartório, tá bem?”

Caminhando rumo ao guichê da mocinha, que parecia ser uma faz-tudo por ali, Conrado se lembrou de perguntar sobre os procedimentos de revisão, edição e diagramação daquele seu grande Frankenstein de papel e tinta negra: “Hélio, qual será o prazo para montar todo o livro em A5 e tudo o mais? Digo, sem querer ofender, se vocês mexem no texto, no que o autor, quero dizer, no que o Guilherme me disse?”, concluiu rápido como uma bala que se desvia de um alvo errado, respirando aliviado por dentro.

Aportando no guichê de um branco um tanto desgastado, onde estava Vanessa, Hélio de novo pôs a mão levemente no braço de Conrado: “Não demora muito, não. Não mexemos em nada que o médium escreveu, já que as palavras vieram de fontes desencarnadas. Tenho aqui aqueles dois rapazes que você viu perto da sala em que conversamos. Eles são estudantes de jornalismo e letras, veja só! E trabalham aqui por ajuda de custo, só para corrigir o que realmente tiver escrito errado, essas coisas. Como seu livro, pelo que eu vi, ficou com pouco mais de cem páginas, acho que em uma semana eles concluem a revisão. Daí os outros três ali, diagramadores também quase voluntários, vão montá-lo bonitinho para termos uma tiragem inicial apenas para o lançamento, que faremos provavelmente nos próximos quinze dias, lá na União Espírita de São Paulo, sabe? Fica bem no centro da cidade, perto do acesso pra 23 de Maio. Apontando para a secretária, o senhorzinho prosseguiu: “A Vanessa irá te passar o endereço e a data estipulada de todo o processo. Daí é olho no telefone que confirmaremos outros detalhes”, concluiu.

Pelo menos isso parecia mais simples e menos burocrático do que as publicações convencionais a que teve acesso em sua carreira, produzidas em outras gráficas. Levantando-se para pegar as cópias do contrato com a moça, Conrado viu Hélio se achegar na boca do balcão, ficando próximo ao corpo rijo do escritor: “Depois disso vamos bancar uma segunda tiragem bem bacana, que irá pra todo o Brasil ler e se encantar com a história do Guilherme, seu Conrado!”. Vanessa entregou as folhas, que foram dissecadas em cada cláusula pelo ranzinza. Prudência era tudo, ainda mais em se tratando de religião, por melhor que ela parecesse.

O bom Hélio deu um passo atrás. “É isso por ora, Conrado, muito obrigado pela honra de conhecê-lo e de publicar esse testemunho que, querendo ou não, tem a ver com o mundo, mas também com a sua família e consigo mesmo. Vanessa irá te encaminhar após a assinatura. Só lembre de trazer aqui uma cópia do contrato firmado em cartório para tudo estar selado no dia do lançamento. Um abraço e até lá! Agora, se me der licença, tenho que comprar os ingredientes para o sopão solidário da ronda noturna na Sé e Cambuci.”

Conrado ficou a olhá-lo descendo as escadas com a leveza de quem tem pouco ou nada a dever a si próprio naquela passagem mundana. Uma experiência que para ele se desfecharia apenas em ossos e pó, para aquele sujeito era tudo alma, nada de matéria. Vanessa o chamou novamente à realidade daquele pequeno devaneio, mais um de um dia estranho: “Só assine aqui e aqui se já terminou de ler tudo, seo Conrado, mas tome o tempo que precisar.”

Desistindo de terminar de ler o que começara num rompante de desconfiança, o novo médium canetou as duas cópias, entregando gentilmente uma delas à garota educada e prestativa: “Então até mais ver e falar, Dona Vanessa, muito gosto em lhe conhecer e a esse lugar”. A jovem retribuiu o carinho: “O gosto foi meu, seo Conrado, o senhor é muito simpático, que Deus o acompanhe, e volte uma noite dessas para ouvir as palestras e ver como funcionam os mutirões de caridade.”

Uma parte dele falava em voltar, a que estava tomada pela boa vontade daquela gente; a outra, mais forte, queria se afastar de lá o quanto pudesse, até ter de suportar o fatídico dia de estar perante uma plateia espírita, mergulhado naquela fanfarra enganosa, bem na sede estadual deles:” Voltarei assim que puder, minha querida, muito obrigado pelo convite”, disse ele já na metade dos degraus.

À saída do prédio nem quis olhar para trás, esbaforido de acabrunho e alguma ternura que lhe era esquisita de sentir. Provavelmente seria algo daquele menino carente, neto daquela avó que o deixou aos onze aninhos, que voltava, evocado por Hélio. Esse menino emergia e pedia colo e perdão à santa matriarca por envolvê-la em suas manias de grandeza e proveitosas desonestidades.

Foi em direção ao cartório, na rua Pires da Mota, sem se importar com o pouco fôlego e a fadiga acumulada pela tensão da reunião. Tampouco se estorvava com a boca seca que trespassava a saliva e o deixava ainda mais vulnerável à lembrança do que tinha acabado de fazer. Encontrou o local vazio. Já eram quase 17h, ele mal viu o tempo passar naquele intervalo de agonia. Reconheceu firma, pagou o valor da operação e seguiu rumo à rua de cima para tomar o ônibus com

destino à casa, sua fortaleza contra melodramas que tanto abominava em si e nos outros.

Mal embarcara no ônibus, ligou para Eugênio a fim de lhe contar seu dia. “Preciso tomar umas contigo para me aliviar. Nem me pergunte agora como foi tudo, não sei bem explicar por telefone. Pode ser amanhã à tarde? Está livre da bosta do teu escritório no começo da noite? Ótimo, então nos vemos lá. Abraços.”

No caminho, voltou à infância, agora como um recém-renascido. Observava os ires e vires, os afazeres e platitudes das pessoas junto a ele no veículo, nas calçadas, nos andares dos escritórios e residências. Todas eram suas companheiras de jornada naquele plano escuro e triste que ele burlava para vencê-lo. Havia dores nelas, mesmo que ainda não se sentisse impelido a destrinchar quais eram. Sabia sim que seu pecado deveria ser muito mais terrível do que qualquer outro que uma daquelas pessoas um dia iria cometer. Uma honesta covardia contra a sincera fé de muitos.

IV – O primeiro sacramento

“Eu não sei o que tem ali, Gênio, mas o que tem ali é bem-intencionado. Me ensinou que a nossa dor nunca é a maior do planeta. Fechei os olhos para a cidade à minha volta, cheia de pessoas sofrendo desgraças sem fim. Lá eles ajudam como podem, com o que têm”, disse um inédito e um pouco forçoso Conrado, assim que o amigo se acercou da mesa plástica de sempre, rubra e engordurada, da bodega do Venâncio.

“Que há contigo, homem? Já vem com esse papo de comoção e eu mal sentei?”, disse Eugênio às gargalhadas, sabendo que o que dissera dias antes ao parceiro já tinha reverberado. “Eu só não vou dizer ‘eu avisei’ porque você vai me xingar ou ficar melodramático; e sei lá se isso tudo não é mais um joguinho teu pra eu pensar que você mudou. Rado, nessa altura de nossas vidas – aliás, em qualquer idade – não devemos mexer com o que não conhecemos, não controlamos ou compreendemos, e acho que agora estás sentindo isso, né não? Você cutucou a grande besta que vive nas cavernas escuras da gente”, suspirou.

A conversa foi dilacerando o já desgastado coração de Conrado. Eugênio era um irmão, mas tinha a péssima mania de ser mais boca do que ouvido, bem mais do que ele gostaria, muito, muito mais. Mal conseguira vencer o olhar do velho Hélio, aquela bondade mansa, seu jeito prazenteiro de estar, e agora tinha que suportar a ladainha moral de Eugênio sobre as patacoadas que armou naquela história pra lá de complicada! Depois de uma hora e alguns cascos de cerveja a empurrar goela abaixo as considerações filosóficas do amigo, Conrado pôs as mãos contra a nuca: “Gênio, acho melhor ficarmos por aqui hoje. Estou como um cacto na chuva. Preciso me recompor e pensar em tudo o que tu me disse, somar com o que já aconteceu e pôr as ideias no lugar. Vambora?”

Eugênio morava na Lapa e, como desculpa para ainda continuar no lero com o

teimoso, propôs: “Vem comigo, te dou uma carona até a Peixoto, que dá mão para eu virar na Paulista sentido Vila Madalena e Perdizes, de lá eu já sigo pra casa.” Não havia escapatória senão a de aceitar o convite como forma de ainda seguir grato pela sempre pronta disposição do confidente em socorrê-lo, mesmo não sendo o socorro de que ele necessitava. ‘Afim é assim que um verdadeiro chapa deve se portar. Talvez eu fizesse o mesmo se estivesse no lugar dele, alertando para erros cometidos e por cometer’, matutava Conrado ao mesmo tempo em que iam se aproximando do parque de estacionamento, entre Augusta e Consolação.

Após a lenga-lenga de semáforos e filas de final de terça-feira, pararam em frente ao prédio dele. “Espero que pense e fique bem. Acima de tudo fique bem, amigo. Eu ainda tenho esposa e filhos pra me aborrecer, então não posso dormir aí contigo. Comeremos uma pizza num outro dia, sei lá”, disse Eugênio tentando soar mais leve após as repreensões.

O casmurro apenas agradeceu imenso mais uma vez a presteza, pegou as contas com Ataliba e subiu para o seu ninho. O mascote estava à sua espera no banco torto fincado numa das lajotas quebradas do madeirame: “Não me olha assim, Leon, pô, já deu pra mim hoje!”, disse ele assim que o vira-latas pulou para recepcioná-lo após séculos caninos sem o ver. “Até ele só falta falar, sempre só faltou. E não vai demorar pra também começar a dizer o que eu não deveria ter feito e não desejo ouvir.”

Os dias foram passando com a tríade de companhias em forma de ouvidos a escutar lamúrias, dúvidas e desafogos do velho – Leon, Venâncio e Eugênio. Este último era muito denso, sem nenhuma condescendência, então o deixou como última alternativa às angústias que o torturavam pela aproximação da data de retorno sobre o lançamento do livro. Leon só escutava e ainda o acarinhava, muito bom ouvido, pois. Venâncio de nada sabia em detalhes e com ele poderia falar por meio de enigmas ou metáforas, sempre tendo uma boa palavra a dizer ao servir uma dose da branquinha, sob qualquer circunstância. O dia temido se aproximava e ele envelhecia mais a cada crepúsculo.

Rompia a sexta-feira e nada de resposta da Ascensão. Muito menos dos filhos, que agora nem mais disfarçavam a rejeição deles ao contato, bloqueando o seu número de celular para evitar tentativas de chamadas do desesperado pai. Um fenecer em forma de comichão o consumia a cada anoitecer: “Na sexta-feira vou ao Mirante de Santana. Preciso pensar na minha não-vida.”

Apesar de ter nascido e crescido em Pinheiros, Conrado costumava frequentar esse ponto elevado da pauliceia, quase na serra da Cantareira, para estar com Rita, sua primeira namorada a sério e, principalmente, com a esposa Mariana, por duas décadas sua ninfa motivadora. Ele até tinha dúvidas se Fabíola havia sido ou não concebida naqueles idos dias friorentos de julho, ao redor da grande praça-miradouro. “Não se preocupe, seu barulhento, vou te levar comigo. Tu não fala, mas vejo a bronca nesse teu olho tonto e orelha carcomida a cada desaforo que digo. Mas ainda me ama, mesmo eu sendo esse crápula todo, né?! Vai me ajudar a pensar, Leon, você sempre ajuda”.

Foi o que ele fez no dia seguinte. Após almoçar uma rabada no Venâncio, subiu, arrumou a coleira e guia do cão e chamou um táxi – Conrado não chamava carros de aplicativos por princípios, achava que o taxista, assim como o jornalista, foi preterido pela população. Com o animalzinho ao colo, instruiu o motorista a levá-lo até o Mirante, quase do outro lado da cidade: “É bom agora que não tem tanto trânsito”, disse ao taxista, este visivelmente emburrado pelo cachorro e pela corrida fora de mão.

E o homem estava mesmo carrancudo, puto de sua vida sabe-se lá por quê. Ao menos as visões cheias de remorso que tinha no ir e vir do ônibus até a editora fizeram Conrado enxergar melhor as janelas dolorosas que cada um carrega. Bastava fixar os olhos nas coisas do mundo, suas espirais de ruas, avenidas, gentes, vidros dos carros, comércio supérfluo, restaurantes lotados de vazios para se aperceber das cruces invisíveis que todos carregam por cada passeio. O queixoso condutor era, assim, apenas uma abstração sociológica para este ‘empático e novo’ homem.

Pouco mais de vinte minutos e algum trânsito foram suficientes para atingir aquela região setentrional de São Paulo. A corrida foi cara para uma ‘bandeira um’, a diurna. Correia Rabelo pagou o saldo, despediu-se do taxista com um compadecido “obrigado e bom trabalho” e se dirigiu à praça de boas lembranças, vendo de relance o carro branco a acelerar com raiva no sentido oposto. Acheou-se nos bancos mais próximos à cabine de antenas meteorológicas e de telefonia que lá havia: “Essa porra parece até uma igreja, um culto, o templo onde o Deus único é a informação, a desorientação em forma de notícia que regeu toda minha vida e um pouco a vida de todos. Notícia demais faz mal à saúde, sabia, pulgumento? Mentiras e verdades dolorosas também. O que será de mim se me descobrirem, Leonzito?”, indagava ao peludo, que subia no banco de concreto para ficar ao seu lado.

“Boa pergunta... boa pergunta. Nunca estive tão fodido. Sem eira, beira e trilha. Pior de tudo é ficar sem trilha, cara! Trilha para esse final de vida melancólico. Nada, nenhum impeditivo para um desfecho triste nos anos que me restam. A glória do possível sucesso da obra no ramo dos espíritas será um prazer tosco, sabe, Leon? Feio de gozar por ser fruto da mente sórdida de um velho sozinho, que troca ideias com um cachorro”, disse abaixando o rosto em posição corriqueira quando sentia que tudo o que se passava consigo era para esquecer e chorar.

Seu leal amiguinho o via triste e latia ainda mais em sua direção, pondo o focinho junto a seu colo, o que forçava o pranto entalado do velho, cascatas emocionais que quase nunca fluíam. Um forte suspiro veio ao natural do fundo de seu peito, um tufão de carência naquela fortaleza humana calejada pela ingloria própria, ele sucumbia no afeto do bichinho: “Ah, filho de uma puta! É, Leon, não se ofenda quando disse ‘um cachorro’ naquela hora. É que estou indo ao desespero. Essa ligação da editora não chega e, se chegar, será para eu prosseguir numa falsidade monstruosa, muito pior do que viver nesse abandono, manja?”

Conrado tinha essa dificuldade em expressar sentimentos. Um casulo, ou uma caverna escura, como disse Eugênio, era a sua alma. Algo que ele cultivou desde jovem, desde as primeiras decepções, perdas e infortúnios vividos. Da morte precoce da mãe, passando pela truculência do pai e indo até o desprezo dos filhos e a mácula deixada em Mariana.

Incapaz de soltar a tempestade anunciada pelo suspiro-tufão, o jornalista olhou novamente à volta, pescando cada pedaço de memória que aquele local encerrava: “À noite aqui, Leon, vixe Maria! Como fui feliz e nem sabia... Naquelas ruas ali embaixo, tá vendo?, quanto desfrute que eu tive! Mal consigo lembrar deles, dos detalhes, da Mari nua, dos gemidos, do meu primeiro beijo na Rita, foi tudo aqui, tudo de bom que existiu em mim parece cercar essas curvas como fantasmas, algo já morto e apodrecendo mesmo, meu, que triste, que triste.”

O cãozinho pareceu compreender o momento delicado, deitando agora por sobre sua perna fina de tanta magreza e mal comer daqueles últimos amargos anos. Conrado estava com a face no rumo do céu, perdido em devaneio, desviando do vazio melancólico do que fora, avistando navios longínquos em cada nuvem no firmamento, cais da memória onde ele poderia se imaginar para sempre jovem, bom e viçoso. De repente, o próprio Leon, já dormitando, despertou em sobressalto. O latido de alarde do camarada, com as orelhinhas pontudas em riste, o fez voltar à dureza do real. Era seu celular vibrando. Duas e meia da tarde em ponto. Eles estavam ali há quarenta eternos minutos.

O número não mentia. Não o havia gravado, mas recordava dos três primeiros dígitos. Era do Ascensão, só podia ser! Esperou mais dois vibrares para pegar o celular no bolso direito, onde Leon já se desesperava por reação: “Alô, pronto! É ele, Conrado, pode falar. Oi, Vanessa, sabia que era você por essa tua voz gostosa de se ouvir, hahaha, o que mandas?”

Como ele, a menina também riu com protocolar fineza: “É sobre o lançamento,

Conrado. O lançamento do seu livro, o ‘Paz na Guerra’. Óh, o seo Hélio e a Dona Angélica conseguiram marcar para a próxima segunda já. Sim, segunda-feira próxima, lá na União Espírita. Legal, né? Será às 19 horas, tudo bem? O senhor sabe onde é? Não é difícil achar, não, fica no centrão, coração da cidade. Isso, maravilha, de nada, seo Conrado, até lá. Ah, e me desculpe por demorar o retorno, foi difícil agendar a data. Não sei se sabe, senhor, mas é só uma apresentação formal da obra, fique de boa. Não, não tem autógrafos. É mais para os diretores de outros centros de São Paulo conhecerem o que você psicografou. Bom final de semana para o senhor também.”

Desligou e Conrado agradeceu por isso. Cada parte do seu corpo tremia, a barriga doía de frio e pontadas no estômago, alerta da abelhinha do cérebro despejando no sistema digestivo tudo de mau ou de bom que perpetramos durante a existência. Após alguns minutos tentando se acalmar com água do bebedouro, não sabia avaliar qual foi o pior peso do destino – Se continuar a farsa, agora confirmada no compromisso agendado, ou rejeitar a inverdade ficando ali parado, sem atender a celular ou transeuntes, como uma estátua a ser cagada por pombos, apodrecendo em memórias mal lembradas... enfim, morrendo bem ali de cansaço, de exaustão de tanto se aturar. Partir da vida justamente onde mais intenso viveu.

Colocou o rosto entre as mãos, olhou o solo da praça, levantou a cabeça, mirou agora em direção à gigante metrópole ao sul. Bem acima do sujo vale do Tietê, os prédios, arranha-céus e aviões daquele imenso amálgama humano se impunham ao seu particular abandono: o fulgor e angústias da jesuíta Piratininga, da vila bandeirante, da capital do café, da belle époque industrial, do modernismo, de italianos, ibéricos, japoneses, alemães, judeus, árabes, armênios, eslavos, gregos, africanos, nordestinos, coreanos, latinos e tantos, tantos outros que por lá passaram estavam se intrometendo no devaneio autopiedoso de Conrado. Sua cidade também tinha cara de tudo e de nada, existia e perdurava num pandemônio cosmopolita. Sentindo-se ainda mais oprimido, disse ao canino: “Vamos, Leon, bora descer rumo à estação de metrô lá embaixo, assim passeamos mais um pouco e arejamos esta merda de cabeça aqui.”

Ao chegar perto da estação Jardim São Paulo do metrô, a dupla parou outro taxista, desta vez um alegre figurão de meia idade, no caminho de volta à Bela Vista via Bom Retiro Higienópolis. Seria o pior final de semana de toda sua existência. Ele estava feliz pela duvidosa conquista, mesmo sabendo que era uma felicidade cruel, com curto prazo de validade.

Chegando ao apê-sarcófago, Conrado logo ligou para Eugênio: “Por favor, Gênio, dá um jeito de sair mais cedo do escritório na segunda! Nunca precisei tanto de um apoio emocional como agora. Sim, é exatamente o que você está pensando. Me chamaram pra lançar o livro. Não, não terá autógrafos, e isso é maravilhoso, era só o que me faltava.”

Conrado continuou após esperar, irritadiço, findar a ironia do outro lado da linha: “A menina da editora falou que médium não tem essas vaidades, até porque o livro não é ‘meu’, né, cara? E, menos mal, porque eu odiaria ficar sorrindo e recebendo elogios por algo que fiz pra valer e que acham que não é meu, ou por algo que não é meu e eu acabei fazendo... ah, sei lá, cara, tá tudo uma bagunça na minha cabeça. E não ria, filho da puta, eu estou com o cu na mão! Bem que você falou. Agora é tudo ou nada, diz se topa ou não topa. Topa?! Deus ou sei lá o caralho que for que te pague, Gênio. Sim, beleza, te espero aqui às 18, abraço.”

Foi a ligação de fim de tarde. “Graças aos céus ele aceitou”, dizia a si mesmo. “Porra de céus o quê?! Que raios eu digo se nunca dei bola pra essas merdas? Ateu, graças a Deus, né?! Sei lá, não sei mais nem quem eu sou nessa desgraça!”

As quarenta e oito horas que o separavam daquela provação foram ficando pequenininhas e, de um momento para o outro, passaram em meio a um porre homérico no sábado. Já a fechar o bar, ele e Venâncio tomaram dezenas de cascos de cerveja, a última paga pelo parceiro proprietário. O produto dessa farra foi um domingo de dores de cabeça, costas, pescoço e peito, principalmente peito, que faziam Conrado, de tempos em tempos, pôr as mãos na jugular para medir os batimentos do pobre e esbaforido coração.

Dormindo à base de aspirinas, sais de frutas e algumas gotas de calmante, eis que chegou o dia da verdade. Como sempre, dormira tarde e acordara mais tarde ainda. Já eram três e meia quando foi para o chuveiro no deteriorado banheiro, onde a velha banheira ganhara a coloração gordurosa de creme por falta de limpeza. Havia dispensado a última faxineira meses antes por desgostar de invasões de privacidade enquanto escrevia.

Em uma hora ficou pronto, depois de longa pausa naquele cômodo fétido da casa. Serviu Leon de ração e saiu para almoçar no Venâncio, desculpando-se com o bom baiano por qualquer ofensa que tenha proferido naquelas horas de tontura que passaram juntos. Eram quase seis da tarde quando voltou ao apartamento para esperar Eugênio, que prometera ser pontual: “Pra evitar o trânsito da hora do rush no centro, Rado, não podemos atrasar na sua noite de glória, de gala, cheguemos com alguma folga”, dizia ele, mais uma vez rindo da cara do compadre.

Conrado mal aguentava a tensão. Parecia um garoto a caminho de um rito de passagem, esperando ouvir a buzina do carrão de Eugênio a convocá-lo para o doce amargor do sucesso. Ela soou tão logo Leon começara os latidos por causa do interfone anunciando o “seu Eugênio lá embaixo”. Desceu pelo elevador pensando em tudo o que vivera desde a descoberta daquele diário, da agora muito distante promessa feita ao irmão lá na fazenda, em Piracicaba, de se reerguer anímica e financeiramente.

Entrou no esportivo negro do amigo, arfando. Eugênio o abraçou de leve, achando graça do desassossego sentado ao seu lado: “Calma, homem, agora é tarde para arrependimentos. Seja feliz com a escolha feita, a caverna uma hora se ilumina com a tua tocha ou a de outrem, como dizemos no juridiquês”, zoou de novo o moleque que nunca deixou de ser e que sempre fez gargalhar o taciturno Conrado, continuando: “Quem sabe até o tal soldado não será a sua tocha? Ver pra crer, como se diz. Ah, e vou comprar uma cópia dessa primeira tiragem, hein? E no meu caso quero uma dedicatória amorosa”, e mais ainda zombava.

Conrado se mantinha mudo, não estava mesmo para brincadeiras. Segurava no ‘puta que o pariu’ do carro durante a descida de uma Consolação travada. Chegaram no antigo edifício precisamente às 18 e 40, após um trânsito chatíssimo até a Praça Roosevelt e o túnel da Radial Leste. Ao deixarem o veículo no estacionamento, a dupla foi abordada logo na entrada central que antecedia o amplo auditório por Vanessa, Hélio e provavelmente a esposa do velhinho, a tal de Angélica.

Os três os cumprimentaram em êxtase: “Começamos a trabalhar no teu livro assim que você saiu de lá, Conrado. O resultado foi que a Vanessa só conseguiu te ligar na sexta, quando a gráfica terminou a impressão dos primeiros trezentos exemplares. Um par de cada irá para as bibliotecas e livrarias de centros espíritas associados, que convidamos para estarem representados aqui hoje. Depois, assim que venderem os exemplares restantes da tiragem inicial, produziremos a quantidade gorda que irá para as bancas. Vai ser um sucesso!”, disse Hélio, envolvendo o embaraçado jornalista em seus braços e o dirigindo para a senhora ao lado.

“Essa aqui é Angélica, minha esposa, guia e melhor amiga. Ela que me incentivou a montar o centro e nos afastarmos dos vícios que sempre permeiam a vida numa selva louca como São Paulo. Olhe, doçura, este aqui é Conrado, um médium já velho que deixou aflorar agora esse canal com o outro lado.” Conrado curvou-se para beijar à moda antiga a mão gasta da esposa do editor.

Ela aparentava ser ainda mais velha do que eles, com olhar caído e rosto sugado por sofrimentos e preocupações ocultados em pureza vocal. Mesmo assim, transmitia uma aparente tranquilidade e bem-estar onde quer que estivesse: “Muito gosto, senhor Conrado, e que educação! Helinho me falou muito de você e do seu livro, que folheei. Parece interessante a experiência vivida pelo pobre espírito do soldado Guilherme em meio àquela carnificina. Ele realmente encontrou a paz eterna! Um milagre, como todos os dias se produz e não vemos, não é mesmo?”

Eugênio, aproveitando a deixa, replicou a senhora: “É verdade senhora e veja o maior deles, este meu amigo aqui, de quarenta anos de convívio, virou alguém sensível a uma alma em tormento, mesmo tendo ele vivido todos os dias anteriores como um completo incrédulo.”

Conrado virou-se para o amigo com cara de um encolerizado César ao perceber com que tipo de Brutus estava lidando: “Não liguem pro meu amigo que hoje foi meu motorista, já que não tenho carro. Ele é mais brincalhão do que imaginam, se é que já não deu para notar. Sempre fui agnóstico, cheio de dúvidas, por assim dizer, mas o contato com o espírito do amigo de meu avô fez essas dúvidas se dissiparem. E tive certeza sobre o dom imortal da vida, Dona Angélica”. Após uma rápida reverência ao casal, simulou um andar ansioso e gesticulou para que todos se apressassem em direção ao auditório. A grupo assim o fez, terminando o assunto levantado pelo fanfarrão que havia convocado como cúmplice para sua empresa.

Ao ultrapassar o amplo pórtico de vidro, já pôde Conrado ver alguns senhores e velhos-jovens de camisa social sentados nas cadeiras postas para o evento. À sua direita já estava pronto o palco onde falaria sobre a obra e anunciaria sua distribuição aos convivas. “Mais dez minutinhos e já podemos começar, não se acanhe, Conrado. És jornalista, sei que sabes lidar com o público, e é apenas uma singela e rápida cerimônia para você explicar o que o espírito quis transmitir. Aliás, fale o tempo que quiser, o microfone é todo seu”, explicou Hélio.

Era o arco triunfal daquela carreira em declínio. Hélio o lembrara de que um dia fora jornalista e que só comia por causa de sua aposentadoria conquistada pelo exercício do ofício. Sim, poderia ser realmente o canto do cisne, o momento glorificado do final da sua vida, mesmo que fosse pelo mais absurdo e inesperado dos segmentos, o religioso. Ainda por cima com uma mentira, uma mentira! Era isso o que o estorvava e gelava cada vez mais seus músculos.

Com sérias dificuldades motoras, foi ele então subindo a pequena escada em direção ao local de fala. Avistou Hélio, Angélica, Vanessa e Eugênio se acomodarem na primeira fila. Reconheceu também o rosto dos demais rapazes e moças que trabalhavam no andar de cima do prédio do Ascensão. Achou por bem terminar aquilo de uma vez por todas.

Uma terrível taquicardia trespassou-lhe o tórax junto com um filme, em átimos de segundo, de tudo de relevante ou magnífico realizado no já prolongado percurso de vida. Pondo cabeça e coração minimamente em rédeas psíquicas, iniciou: “Boa noite, senhoras e senhores, é um gosto, privilégio e honra estar aqui entre vocês, queridos administradores de casas tão altruístas e caridosas. Locais tão necessários em grandes cidades, palcos de tantas provações e expiações. Constatei isso logo na primeira visita que fiz ao Núcleo Espírita Ascensão, do meu estimado amigo e editor Hélio...”

Falou, falou e falou Conrado, falou muito mais do que meia hora, mais do que dois terços de hora até! As rédeas postas nas emoções domaram ataques fulminantes de pavor pelo descaramento da situação, e ele se viu pouco a pouco explicando cada detalhe da trama, da narrativa, da linguagem usada. Como chegou até a história, seu carinho pelos avós, o passado agnóstico de um neto de avó espírita e toda a sua carreira como repórter, pauteiro, redator e editor. Carreira que facilitou a recepção e interpretação do drama espiritual de Guilherme Mendonça Fraga, militar solitário e de passado sofrido, que redimiu sua vida ao morrer pela liberdade do mundo em nome do Brasil e contra os nazifascistas.

Na conclusão, sem direito a rodeios e perguntas que o interrompessem, sentiu seu coração palpitar, mas de emoção eufórica, de alegria genuína, olvidando até um pouco da maquiagem fraudulenta do contato paranormal que teria tido para produzir a obra. Conrado agora se via como que no palco do Nobel, em plena Estocolmo, a receber o galardão de Literatura do mais influente prêmio da humanidade. Era mesmo o seu momento!

Depois de um “Muito obrigado e uma boa noite a todos, na paz do Mestre Jesus”, a explosão de aplausos em pé foi generalizada. Tudo contribuiu para aquele desfecho – a maravilhosa história de mediunidade tardia de um quase descrente, o tempero de heroísmo da alma que o procurou e a retórica envolvente do antigo orador de colégio. Foi a noite de Conrado Correia Rabelo! Noite gloriosa que não vivenciava desde nem se lembrava quando.

O problema é que, agora, havia regressado em voo direto da Suécia para o Brasil, sua supersticiosa terra natal. E ali estavam, entre vivas, palmas e louvores, pessoas de grande coração a serem enganadas por sua ganância e sanha de tapar feridas pessoais. Um egoísmo sem tamanho a latejar em si próprio.

Era sua plateia quem ludibriava, pessoas comuns que trabalhavam com afinco desmedido sem nada receber, celebrando cada sanar de misérias, vícios, crimes e desamparos que alcançavam com isso. Brigavam pela dignidade humana tanto quanto ele o fez ao simpatizar, jovenzinho, com o Partido Comunista Soviético e o PCB, sua filial brasileira, combatendo cada fome implorando esmolas nas esquinas. O idealismo daquela rapaziada tinha, entretanto, algo que ele perdera ou nunca cultivaria: creres inabaláveis no bem maior e no amor ao próximo como mensagem universal. Não eram como ele, sonso canalha e dissimulador de experiências sobrenaturais.

E canalha foi como se sentiu ao olhar cada um dos rostos ali presentes, estampando muitas faces do bom senhor Hélio, que também assobiava logo à sua frente em júbilo por ele. O único que viu o que ali se passava e o conhecia muito bem era Eugênio, que a partir dos primeiros aplausos parou de festejar ao notar a expressão inquieta no rosto do velho amigo.

Tudo que transcorreu em seguida passou quase tão rápido quanto o articulado discurso de apresentação. Ao fim e ao cabo, em meio a elogios em privado de

cada um dos mais de cento e cinquenta convidados, Conrado entregou o último par daquela primeira edição de 'Paz na Guerra' ao derradeiro presidente de centro espírita postado na fila. Era um jovem de trinta e poucos anos da região de Pirituba alta, noroeste da cidade: “Espero que você vá no meu centro um dia palestrar sobre sua experiência com o divino depois dos cinquenta, seu Conrado. As pessoas precisam ouvir histórias como a sua. Deus te proteja e obrigado”, disse aquele alto e forte rapaz, que mais parecia uma menininha de dez anos, tamanha ingenuidade na voz e nos gestos.

Pouco a pouco o salão foi esvaziando. Já eram mais de dez horas de uma congelante noite paulistana, cidade fria e impiedosa, casa de milhares de sem-teto durante todo o inverno. Pior, durante todas as estações... Aproximando-se, o casal do Ascensão ficou junto ao seu novo escritor, com todos os funcionários logo atrás: “Agora temos que ir, deixamos na cozinha aqui da União os sopões para distribuir na Liberdade, Sé e Glicério. Vamos te mantendo informado sobre as vendas do primeiro lote, Conrado. Não sei se te disse, mas para um meio-termo entre recursos e acesso ao produto, sempre vendemos nossas publicações a R\$30. Você foi maravilhoso na apresentação do livro, parecia até um romancista de ficção!”, disse toda prosa a senhora Angélica.

Eugênio mal segurava a lateral do lábio para não gargalhar, enquanto o parceiro apenas digerira mais uma machadada no seu ainda ressecado estômago de impostor: “Muito obrigado pelas palavras, Dona Angélica, aqui estão os meus dados bancários para quando as vendas começarem a ter início e aquele cinco por cento forem entrando pelos cofres da editora.”

Abraçou sinceramente os dois bons samaritanos, depois também fez o mesmo com a menina-mãe Vanessa e com os demais revisores e designers do projeto filantrópico. A comitiva, então, seguiu para a copa, à esquerda de quem saía do grande salão onde Conrado falara. Eugênio viu honestidade naqueles afagos do amigo, pegou agora sem rir em seu ombro destro, apertando-o carinhosamente contra a sua lateral: “Essa gente é muito boa, Rado”, observou Eugênio, continuando: “E você parece estar tocado por elas. A tocha da tua caverna talvez

esteja iluminando um propósito pra você... sei lá, me ocorreu isso agora.”

O espirituoso compadre dizia a verdade. Há tempos, talvez desde que seus filhos ainda eram crianças, Conrado não abraçava de todo o coração e alma alguém a quem mal conhecia. Na secura em que foi caindo o casamento, sua ex-esposa foi pouco a pouco preterida dessas carícias, principalmente depois de Fabíola e Henrique saírem de casa para construir suas vidas, suas famílias.

Por alguns instantes ele ainda olhou aquele pessoal bacana que conhecera pela mentira, mas que já gostava de verdade, entrando no refeitório para ver o alimento que dariam aos oprimidos e necessitados naquela noite gélida: “Vamos indo também, Gênio?”, disse ele sorrindo frouxo, sem mencionar o que seu confidente lhe dissera antes, mas demonstrando ter concordado com o que foi dito. “Vamos, Rado. Já está tarde, se eu estourar o horário de um compromisso religioso, minha esposa vai achar que eu fui jogar pôquer, futebol Society ou, pior, que fui a algum clube masculino contigo”, riu-se o amigo.

Eugênio voltara aos risos. Ria aquele benfazejo riso que sempre velou pela amargura do amigo, elucidando com sátiras as cagadas que ele fazia. Entrando no carro, agora calmo como maré baixa, Conrado virou para ele: “É, Gênio, aquilo que você disse lá na saída da União... Acho que tem toda a razão. Essa gente é minha tocha na caverna que eu me enfiei. Veremos como isso tudo vai acabar.”

V- Revisita

Pistoia, 2 de março de 1944

O sargento Guilherme Mendonça Fraga é dado como falecido pelo corpo médico da Primeira Força Expedicionária Brasileira ao cair daquela álgida tarde de final de inverno nos Apeninos. O rapaz de dezenove anos foi abatido quando tentava municiar uma linha de combate entre dois pequenos montículos tomados pelos nossos e pelos ianques, que mal haviam chegado para reforçar a posição das forças.

Se nos serve de consolo por tamanha perda, ele conseguiu o valente feito de, mesmo abatido nas costas e na lombar, chegar com vida à trincheira oposta com todas as balas e armamentos que pôde carregar na mochila. Encaminhado para a enfermaria, não resistiu aos ferimentos recebidos no campo de batalha. Morre com o dever e a honradez cumpridos e louvados por todos que o conheceram, contribuindo para esta decisiva vitória, que está, cremos por Deus nosso Senhor, por dias ou horas.

A ação do bravo camarada e de seus outros 450 companheiros-patrícios rendeu, juntamente aos esforços do comandante João Batista Mascarenhas de Moraes e do general Mark Clark, a conquista de toda a área entre o rio Pó e os mares Tirreno e Adriático, abrindo caminho para a Lombardia e sua capital, Milão, último reduto de Mussolini e seus chefes nazistas na Velha Bota.

Encontramos nos pertences do falecido apenas alguns objetos pessoais, como um crucifixo, uma imagem de Santo Expedito e um longo diário onde, por infeliz ironia, ele havia escrito pela última vez na tarde de ontem. Natural de Extrema,

Minas Gerais, não logramos contactar nenhum de seus parentes na localidade, tampouco qualquer carta de aviso chegou à destinação designada em sua ficha.

Desta feita, todas estas relíquias ficam, a bem de testemunhas de quartel, com seu melhor amigo e companheiro, tenente Eusébio Correia Rabelo, a quem será incumbida a nobre tarefa de zelar pela memória de tão corajoso e inusitadamente solitário compatriota.

Sem mais por ora neste relatório

Em nome do Presidente da República Getúlio Dornelles Vargas, do Ministro da Guerra General Eurico Gaspar Dutra

General Euclides Zenóbio da Costa, comandante das operações de front da Linha Gustav

Esta era a última página do diário de Guilherme, que o avô colocou na sequência da última anotação do irmão em armas. Conrado, óbvio, editou o documento e o deixou com cara de “testemunho de espírito” do sargento, como que contando ao nosso médium como havia morrido. Desta feita, bastou incluir a primeira pessoa do singular e excluir os nomes dos generais brasileiros e americanos do contexto e, voilà!, eis o desfecho tocante do romance ‘psicografado’, com uma pitada de emoção e drama, cortesia essa do hábil redator.

Cada palavra daquele diário editado para o espiritismo assustava-o mais e mais, agora mal conseguia olhar para uma cópia dele em cima da escrivaninha, quanto mais abri-lo. Guardou o exemplar na única gaveta com tranca, logo no dia seguinte ao seu desempenho de político em palanque para toda a União Espírita.

No atingir da segunda-feira seguinte, após o lançamento, Hélio telefonou todo contente para avisar que o estoque à venda nas livrarias de cada centro participante estava liquidado e que iria pagar o singelo valor referente aos seus direitos coautorais até a quarta-feira daquela primeira semana de junho. Pensando no pagamento, lembrou-se da alegoria de Eugênio sobre luzes e cavernas, ficando aliviado de que deixaria no centro mais do que receberia. Mero alento a um charlatão desonesto para não extorquir aquela iluminada gente das tochas.

A data da transferência dita por seo Hélio também o fez lembrar do dia em que aquilo cairia: “Caralho, será no dia três de junho! É aniversário de três anos do Bentinho, meu netinho mais velho. Tenho certeza de que Mari dará uma festa no salão para o menino, como sempre fez todos os anos com nossos filhos. Ela fará no dia certo, tenho certeza, odeia essas coisas de fazer fora de época. Eu vou lá conferir, vou lá, tenho de ir dar as cara a eles. Contar o que sinto, o quanto sofro longe deles, até o que fiz, se me deixarem. Talvez o quanto isso tudo me tocou...”

Esmurrou a mesa ao balbuciar o ‘tocou’. Falava em voz alta, a olhar para a caminha de Leon. O simpático canídeo eriçou as orelhas em seguida ao golpe na madeira. “Vou lá, Leon, vou lá. Quero beijar e abraçar meus netos! Se meus filhos forem totalmente insensíveis para não alentar um pai doído, suas crianças não o serão. Tenho esse direito, não tenho?” Leon levantou, bocejou, contorceu a coluna, abanou o rabo ao dono e nada contestou. Apenas foi ao seu encontro, ficando bípede à sua perna esquerda para receber a coçada matinal no abano de morcego que tinha por orelhas, lambendo-o nos dedos. Conrado estava decidido mesmo e quando ele punha algo na cabeça era impossível dissuadi-lo.

Vivendo sensações de vida ou morte em questão de dias, aquela quarta-feira passou, então, a ser o mais novo “Dia D” para Conrado. Havia mais uma vez um hiato de 48 horas que o separavam dessa terrível data. Tal e qual a noite ansiada e temida do lançamento do livro, esses dois dias passaram na velocidade de um

intervalo entre um raio e um trovão. Abriu os olhos naquela quarta com o e-mail da Editora Ascensão confirmando o pagamento de seus direitos coautorais em conta corrente: “Poxa, chegou quarta, Leon, chegou. Um viva, Leon, vou ver meus netos, até conhecer o segundo, uma linda bebezinha, Luiza, sabia?”

Batia palmas e dançava com as pernas arqueadas, envolvendo o cão na dança. O bichinho sentia e sabia que ele não ficava empolgado assim desde que o conheceu nas ruas do Bixiga. De tão extasiado, preencheu o potinho do bom companheiro junto com os restos do misto quente da terça e da pizza da segunda: “Vou ao banco, Leon, já volto. Depois do almoço chamo um táxi pra Moema, onde morei muitos anos.”

Ele era assim mesmo, gostava de repetir a quem estivesse ao lado o que iria fazer, seus planos para o breve porvir, e se não estivesse ninguém falava para si mesmo. Tudo por causa de um medo paranoico de esquecer ou fracassar no elencar do que precisava ser feito para sanar sua consciência, basicamente uma eterna busca da sensação de dever cumprido.

Desceu a Augusta cinco quadras em direção ao ponto em que ela se transforma em Martins Fontes. Sacou a quantia necessária e subiu de volta a cantarolar marchinhas e cantigas antiditadura de sua juventude, tal era o anseio de desafiar a tristeza e substituí-la por uma fugaz esperança de gáudio naquele dia alegre de aniversário do Bentinho. “Vou comprar um presente para ele. Não, não só para ele. Para os dois, para a menininha do Henrique também. Eles vão cair para trás com isso, tenho certeza. Quem sabe até um abraço dos meus filhos eu não consigo hoje? Quiçá até um perdão de todos?!”, matutava e sussurrava esses pensamentos durante a subida. Queria bater uma feijoada no Venâncio.

“Saalve, dom Venâncio, como vai o meu parceirão de Corinthians e porres?”, perguntou ele com uma irreverência desenterrada dos tempos em que era o sarcástico nas mesas dos bares perto da faculdade. “Óia se não é o escritor do bairro! Parece até que viu um passarão verde! Verde não, né, seo Conrado? Que

verde não entra na nossa casa nem no prato! Passarinho alvinegro, passarinho do Timão!”, brincou curioso: “O que te faz tão contente hoje, homem de Deus? Que eu também quero um bocado dessa felicidade toda pro meu serviço!”. Conrado apontou para as mesas de fora: “Te conto sentado. Agora só me socorra a fome e providencie uma feijuca pequena e caprichada, com bastante torresmo magro, hein? Pra acompanhar já manda descer uma loirinha, que o primeiro gole vai ser confete no carnaval que tenho aqui dentro, cabra.”

Venâncio gostava muito do freguês. Há anos, desde que se separara, era frequentador assíduo daquele bar ordinário, igual aos milhares de pratos-feitos que pingavam por toda São Paulo. Mas, como bom ateu supersticioso, Conrado considerava que o astral de Venâncio, da clientela e do ambiente da casa eram ‘impagáveis para quem mora só e tem na rua a companhia para o desabafo’. E era lá mesmo que desejava desfrutar daquela promissor expectativa de rever os entes queridos.

Durante o almoço, Venâncio perguntou de novo a razão de todo aquele júbilo, sendo recompensado com a notícia do seu provável reencontro com os familiares. “Valha-me Deus, que coisa boa! Vai dar tudo certo, seo Conrado! Amanhã mesmo o senhor vai me contar toda prosa e que todos adoraram a surpresa da tua visita.” Conrado sorria, retribuindo o otimismo do amigo: “Pois é, Venâncio, o foda é que eu não convivo com criança há muito tempo. Daqui vou direto comprar alguma lembrancinha para eles, o que você acha que devo comprar?”

“Olha, seo Conrado, meus filhos também já tão tudo grande, só ainda não sou avô, mas se eu fosse tu daria algum brinquedo bem bonito: um carrão colorido pro menino e um bichão de pelúcia bem gordo e com cara de samoco pra menina, que ainda é bebê e vai dormir muito em cima dele lembrando do avozão. Hoje em dia as crianças precisam de brinquedos de verdade, não essas telas e coisas eletrônicas que eles sempre ganham.”

Vibrando como em um gol no Pacaembu ou Morumbi, nosso jornalista aumentou a euforia e agradeceu o comerciante: “Graaande Venâncio, que puta ideia! Tem toda razão, cara, vou aqui no lojão da Denise, descendo a Antônio Carlos, e lá vou comprar dois desses, um mais bonito que o outro!”

Dito e feito. Terminado o banquete em fausto, todo marajá de si, Conrado saiu esbanjando saúde e regozijo. Foi na direção oposta, novamente a descer, com destino à grande vitrine de variedades que Dona Denise, outra aposentada, mantinha na rua Antônio Carlos, sentido avenida Brigadeiro Luís Antônio. Com a ajuda da boa senhorinha, que estranhou a visita dele no estabelecimento, comprou uma grande capivara, toda rosa e gorda para Luiza, a recém-nascida filha de Henrique, e, para Bentinho, o aniversariante, um incrível e multicolor carrinho de controle remoto, daqueles que têm até sensor de impacto, frenagem inteligente e direcional para subir as paredes.

“Vão amar, seo Conrado, tenha certeza! Meus netos amam essas coisinhas aqui da loja, e são só um pouco mais velhos do que os teus”, disse Denise. Conrado agradeceu e saiu em direção à sua casa. Foi por dentro, sem passar novamente pela Augusta. Cantarolava canções de Geraldo Vandré e Aldir Blanc, quando atingiu o prédio e cumprimentou quase que em cerimonial o zelador Ataliba. Estava contagiando a todos com aquele astral jovem, regenerado do sofrer.

Subiu, mostrou as caixas embaladas dos regalos a Leon e já foi ligando para o ponto de táxi da sua rua, encomendando um para dali a meia hora. Nesse meio-tempo, arrumou-se e se barbeou por completo, ficando liso em cara como não se via desde o início daquele ano. “Deseje-me sorte, Leon, toma mais esse resto de ração e me espere com as novas mais à noitinha”, terminou, acariciando-o. Desceu para o táxi.

“Para Moema, mestre. Avenida Pavão, por favor”. Seguiu, então, no rumo da festa que sabia e podia jurar que ocorreria no salão do antigo prédio em que viveu e morreu em sua antiga vida.

Estava certo. Em 19 minutos de travessia ele chegava, pela primeira vez desde que saíra escorraçado de lá, às portas de sua antiga morada. Pagou o taxista, não sem praguejar, puto da vida, com o motorista sobre a quantidade exacerbada de prédios que o bairro estava acumulando. Assim que terminou foi em direção à portaria: “Boa tarde, meu nome é Conrado Correia Rabelo. Sou antigo proprietário e morador do condomínio. Gostaria de saber se poderia entrar pra dar uma olhada na área de lazer, no salão de festas, pra matar a saudade mesmo.”

Uma conhecida voz amistosa respondeu da guarita: “Claro que pode, seo Conrado, que surpresa boa!”. Foi melhor do que ele pensava, o porteiro era o também seu chapa Leonel, muito prosa com ele sempre que descia para fazer sauna ou buscar um hambúrguer ou pizza. ‘Bom demais pra ser verdade’, pensou, ‘vou aproveitar e perguntar se a festa do Bentinho está realmente rolando no salão.’

“Leonel, que prazer inenarrável revê-lo, meu mestre! Muito bom saber que os cornos que moram aqui, esnobes, ainda não te mandaram embora hahaha. Escuta, meu querido, sabe se minha ex-mulher e meus filhos estão lá no salão de festas? Hoje é aniversário do meu neto e queria dar um pulinho para vê-los, sabe como é.”

Leonel de pronto disse o que ele queria ouvir no alto-falante do portão de entrada: “Estão sim, e como estão bonitas aquelas crianças, seo Conrado! Óh, vou deixar o senhor entrar sem avisar só porque é o senhor, tá?”. Conrado sorriu quase num reflexo: “Cê leu meus pensamentos, homem, muito obrigado! Pode deixar que se a sua patroa Mariana enfezar com isso eu falo que fui eu que te obriguei”. O porteiro fez um sinal de positivo com a mão e a cabeça, perceptíveis mesmo através do lusco-fusco do insulfilm da cabine. Num segundo os dois portões do condomínio foram abertos para Conrado entrar: ‘É agora. Hora da minha felicidade, de rever minha família’, dizia a si mesmo enquanto sentia o coração se lhe saltar pela boca.

Tentava em vão pensar noutras coisas ao se encaminhar para o salão de festas, já distinguindo as vozes de seus filhos e da ex-esposa. O curto caminho até lá o fez voltar naturalmente aos tempos de chefe de família respeitável, o auge de um rapaz rebelde que começou como ativista político, virou universitário para ‘mudar o mundo’ e, na época em que os meninos nasceram, virou um estável diretor de redação, com boa carreira e salário suficiente para prover os filhos até do que ele nunca tivera.

A cada passo as vozes ficavam mais audíveis e mais ele tentava distrair a mente daquelas lembranças. Desviava a cabeça para reparar uma mudança aqui ou ali na decoração das áreas comuns do edifício, que parecia idêntico ao que era quando saiu de lá com uma mala na mão e a ameaça de processo litigioso de Mariana, que veio a se concretizar.

Atingiu o portal transparente do salão, abrindo-o de uma só vez com as duas mãos. Lá estavam seus dois filhos, a nora, o genro, os dois netos e Mariana. Todos celebravam uma simples reunião a registrar os anos de Bentinho. Ao verem-no parado na porta de vidro, incapaz de mais mover-se, como num pesadelo profundo onde somos consumidos por monstros, inertes de horror, os parentes de Conrado também pararam em estátuas, cortando toda a alegria e descontração daquele momento.

Fabíola deu um berro mixado com os dizeres: “Não é possível, é muito descaramento!”, seguido de um estrondoso bramido de Henrique: “Não tem o direito de estar aqui, pai, vaza!”. Mariana só soluçava de ódio, algo entre o estridente e o piegas, tal qual uma feirante a ultrajar a carestia só com a potência das cordas vocais. Um teatro meio sincero e meio forçoso que a antiga mulher era mestra em protagonizar. Para o jornalista, tudo era um sonho desmedido, ruim e confuso em que Dali e Dante confraternizavam.

Finalmente sentiu forças para reagir ao cenário disforme que se descortinava perante os que um dia amou. Puxou as portas e adentrou de vez no salão inundado com o choro estridente da filhinha de Henrique, assustada com o brusco romper do clima pacífico que lá reinava. “Veio visitar o oitavo andar, seu cachorro?”, disse Mariana a espumar de raiva. “Lamento dizer, mas a pessoa que procura já não mora mais neste prédio. Ao contrário de você, ela teve vergonha do que fez e sumiu daqui pra nunca mais. Ou quem sabe veio contar a novidade mais recente sobre sua nova carreira de falsário?”, sentenciou após cuspir no copinho descartável em que bebia refrigerante.

O genro e a nora, que mal o conheciam, ficaram quietos como uma ostra em concha escondendo suas pérolas da tormenta que se adivinhava. “Não vim aqui pra brigar, Mari. Meus filhos, por favor, por tudo de bom e valioso que fiz a vocês, me deixem entregar estes dois embrulhos aos meus netos. É tudo o que sempre desejei nesses anos longe do Bentinho e sem nem conhecer, até este momento, a linda e chorona no colo da minha nora. Eu imploro, Bárbara, imploro, Paulo, se meus filhos não permitirem, que vocês, como pais e mães que são, façam esse gesto de caridade comigo. Rompam a neutralidade que a boa educação exige nesses assuntos e tomem o partido de um pai e avô carente, ciente de seus pecados e desesperado por um afago, ávido por proferir de pertinho umas palavras boas para o futuro dos seus queridos”.

Colocando-se à frente de todos como um lobo novo e forte a proteger a alcateia de um líder malfeitor, Henrique foi implacável: “O filho da puta está se fazendo de vítima, Bá, não dê ouvidos a esse velho safado, sempre manipulador e arbitrário. Tudo na surdina, comendo pelas beiradas, covardão mesmo. Nunca bate de frente, vai que nem cobra rastejando na malícia, no amolecer da gente, pra depois conseguir o que ele quer, é o não é, Fabíola?”. A irmã culminou sem piedade: “Eu não tenho mais pai, Quique, não sabia que você ainda tinha um, mas sim, ele ERA assim e no meu filho ele não toca também. Paulo, segura o Bentinho”.

O impasse foi instaurado e, claro, um profundo mal-estar! A bem da verdade,

Conrado sempre foi um filho briguento e mimado pela mãe, transformando-se, como visto, em exímio ludibriador e labioso manipulador de vontades à própria necessidade e prazer. Todavia era igualmente genuína sua sinceridade naquele instante em que ele, de todo, só pedia o carinho dos netos e, se possível, dos filhos. Estava sendo verdadeiro, queria muito um pouco da compreensão por tudo o que passou, passava e passaria nos dias subsequentes, com as novas tiragens do livro prontas para irem às bancas de todo o país.

Sua projeção de felicidade já murchara ante a reação esperada, porém muito mais hostil do que imaginado, dos que tanto lhe faziam falta. Mariana nada mais dizia, só olhava para baixo e para os lados, evitando o contato visual com qualquer parte do corpo que um dia tanto amou e por anos desfrutou junto aos lençóis. O clima era de extrema belicosidade, tensão em estado bruto, podendo ser ceifada à faca se a girassem ao ar antes de se cortar o bolo. A Conrado só lhe passava na cabeça o que Mariana quis dizer com as palavras antes de conspurcar o copo em que bebia: ‘que raios ela saberia da nova empreitada dele como escritor de romance espírita? Ela que nunca fora religiosa, quase tão marxista quanto ele na juventude?’

Naquele exato momento de guerra declarada, quase fratricida, Bentinho, a despeito de estar segurando a mão de Bárbara, aproveitou um descuido da mãe para soltar-se e ir a passos recém-aprendidos na direção do avô, em pé e à frente de si. Caminhava levando outra tóxica agonia para a caverna de Conrado: a chama da pureza infantil, alheia aos problemas anteriores à sua existência e pronta apenas para amar o “vô Rado”, como o jornalista gostava tanto de ser chamado por ele nas poucas vezes em que o vira falando.

O salão inteiro ficou perplexo. Bentinho pouco andava e naquela hora terrível saltitava passinhos titubeantes, mas decididos, na direção de Conrado. Apesar do fel por ele ter se intrometido na pequena festança, ninguém se atreveu a gritar contra o diminuto percurso de amor que o menininho traçava. A cena do pequeno caminhando, sedento por estar com o avô, era motivo suficiente para um respeitoso silêncio. Mais bonito ainda era vê-lo percorrer todo o cômodo,

alienado daquele ressentimento que pairava no ambiente.

Chegou nas pernas de Conrado e, como a abraçar o tronco de um arbusto, envolveu-a com os dedinhos finos: “Vô... vovô... vovôRADO...”. Riu como que liberto da falta inconsciente que o avô lhe fazia na vida diária de criança. Conrado tomou denso fôlego para segurar as lágrimas que se lhe puxavam nos portões do olhar àquele gesto. Nenhuma austeridade as impediriam de jorrar em turbilhão, mas não ali! Não podia demonstrar a fraqueza que nunca desnudara à família: seja como provedor e pai sério, seja como marido adúltero e pai relapso ao final do casamento. Orgulho era sua resistência definitiva a todos os desafios que a vida lhe impunha.

Fabíola e Henrique também cobriram os rostos, esfregando os olhos marejados, cada um escondendo com a respectiva palma da mão a emoção contida e a necessidade imperiosa de perdão ao imperdoável pai, que agira mal e quase causara a morte da mãe. Ele era, apesar de tudo, o pai deles, aquele mesmo que proveu diligentemente boa parte de suas vidas, que contribuía na formação de ambos para que um dia fossem, eles próprios, pais amorosos e dedicados. Foi essa a imagem que se impôs com o gesto todo especial de carinho com o qual Bentinho presenteara ao avô.

Com dificuldades para falar, Conrado ponderou: “O aniversário é dele, o presente está aqui, embrulhado, mas Bentinho é que me presenteou hoje, agora!”, disse pegando o menininho pelo braço, beijando todas as partes do seu rostinho afofado e aquecido pelo gorrinho que usava contra a tarde gelada. Bentinho ria e o avô o balançava de leve, sorrindo em estado de trôpego êxtase. Fazia como fez com ele o saudoso vô Pracinha, “Vô Sébio” do coração. Todo o afeto que não encontrara no pai, um duro comerciante, recebera em dobro do avô ex-combatente, que sempre o segurava brincando quando a dor do trauma da guerra o acometia, balançando-o para se curar com seu riso ingênuo de menino.

Fabíola pediu Bentinho de volta. Ela estava dura como pedra, mesmo

demonstrando a mesma vermelhidão emocionada que no pai se estampava. Conrado estava satisfeito com o abraço do neto, poderia até morrer feliz se conseguisse também beijar Luiza no colo de Bárbara. Sua filha recuou com a criança ao cangote, Bentinho ainda olhava às costas da mãe para o avô, esticando as mãos a fim de alcançar o “vôvôRADO”, repetindo impaciente o apelido.

Após o terceiro “vôvôRADO”, Mariana, já tomada de nojo, inveja, ciúmes e desgosto acumulados pelo ex, levantou a cara e o corpo, chegando à frente de todos os presentes. Quedando-se entre Conrado e eles, disse: “Desde que parei no hospital por sua causa e quase morri, tive contato com o além, com o que tem depois daqui, Conrado, a fé me manteve para ver meus netos. Assim que sobrevivi à cirurgia cardíaca que sua traição me legou, fui procurar um centro espírita em Santo Amaro, que até hoje frequento, colaboro e me curo de tudo o que pode vir a ser mau. Passei a crer na reencarnação, na remissão dos carmas, dos nossos pecados, no perdão..., mas não contigo, não ainda. Você eu não consigo sequer olhar, que dirá perdoar!”

Ela continuava e agora o salão era todo dela: “Qual não foi a minha surpresa quando li o seu nome, o seu sujo e descrente nome no título de um livro PSICOGRAFADO!... PSICOGRAFADO, Conrado! Ele se chamava ‘Paz na Guerra’, vejam aí, meninos, este é o pai de vocês. Sempre teve manias de escritor, não deve ter conseguido patrocínio para a obra e apelou para a mentira, como fez quando o nosso casamento começou a virar uma chatice! Eu só não te denunciei porque todos sabem que meu ex-marido quase causou minha morte. Não quero ter o desgosto de dizer a eles que você é o autor daquela mentira e esgoto moral, mas vontade, ah... vontade não me faltou!”

Era a gota d’água que faltava pingar para o tumulto geral: berros e insultos de Fabíola e Henrique brotaram como que do solo depois da revelação, sem respeito às crianças, que nada compreendiam daquela cena nefasta e surrealista. Depois de ouvir como rocha num ciclone todas as ofensas que lhe proferiram, Conrado ergueu os braços, rogando paz e silêncio por um minuto. Fora atendido

por fadiga ou osmose.

Deixou os dois presentes com Bárbara e Paulo, fixando neles um olhar de desculpas misturado com apelo de clemência, ao que foi retribuído. Em seguida pegou na testa da pequena Luiza, acalmando-a de todos os nervos que a bebê absorvera na bagunça: “Vovô te ama, Lu. Muito e muito. Que sua mãe te lembre disso todas as vezes que você abraçar ou dormir com a capivara que te dei hoje. Capivara de pelúcia! Terminou olhando mais uma vez para Bárbara, que agora se emocionava com tanta mágoa ao redor, sem saber o que pensar do cafajeste de quem a sogra sempre desdenhara e do homem ali exposto, suplicando absolvição.

Acercou-se então de Fabíola, que, sem forças para conter o pai – tão velho, fraco, corroído daquela luta e consumido de desgostos –, permitiu que Conrado tomasse Bentinho em abraços uma vez mais: “Muitos anos de vida, Bento, vovô te ama aqui, ali e além dessa Terra louca. Que a felicidade o persiga como um carrapato. O ‘vôvôRADO’ vai sempre pensar em você e na sua prima, sempre! O carrinho de controle é pra você explorar todos os lugares da praia e do campo nas casas da nossa família, os refúgios que a vovó e o vovô montaram para estarmos juntos e felizes.”

Entregando o anjo à mãe, que claramente lutava para não abraçar o pai que já tivera, Conrado retrocedeu na direção da porta de vidro: “Não vou mais atrapalhar vocês. Não esperava boas-vindas, mas também não queria receber tantas estacas e pedras. Aqui, nesta mesinha dos comes, deixo também o pouco dinheiro que o ‘falsário’ ganhou com a obra legada por meu avô Eusébio, Mari! Meu avô! Façam dele o que bem entenderem, paguem o aluguel da festa, comprem um champanhe para celebrar meus netos, comprem outros presentes para os meninos ou o enfiem naquele lugar! Dele não quero mais nada. Este valor é maldito e hoje, com a ‘descoberta’ tua, Mari, isso só ficou ainda mais claro para mim.”

Abrindo a porta dupla de forma dramática, suspirou fortemente, virou de volta, olhou bem nos olhos escuros e belos da ex-mulher e cravou: “Mari, você é a espírita menos complacente e caridosa que conheço, incapaz de desculpar tudo o que já sofri e sofro pelos meus pecados. Filhos, vocês são inábeis para remir um pai amolecido. Queria só deixar algo imaterial, puro, para a vida das suas crianças. Por quê, por quê tem de ser assim?!”

Sem titubear mais um milésimo, saiu a passos pesados e rápidos para a portaria. Sua pressão arterial deveria estar para explodir qualquer esfigmomanômetro. O coração batia às portas do infarto com aquele despejo e aquela descarga bruta de confissões. Agora lhe era hercúleo domar o pranto, exalando no ar apenas a tristeza do luto, o ferimento de morte. O taxista que o socorreu, já desvairado na avenida Ibirapuera, não ousava perguntar por que tamanha e palpável depressão.

Ele estava segurando o peso da rocha gigantesca que parecia ser aquela gana de berrar e soluçar lágrimas tão acumuladas. E delas se livrou ao chegar em casa, chorando tal e qual uma criança por tudo o que de errado fez e estava fazendo. Nem Leon conseguiu aplacar seu lamento. Queria voltar a ser pai de seus filhos, jantando à cabeceira da mesa, tendo por companhia e guia a compaixão que ele hipocritamente ignorou, moldando, sem querer, uma prole dura como pedra diante do que ele havia recentemente conhecido como perdão no centro espírita Ascensão.

VI – Visita

Aquela noite foi a pior de que Conrado tinha memória. Todos os fantasmas que adquiriram o direito de atormentá-lo baixaram em sua cama. A insônia o perturbou por horas e quando finalmente conseguiu assonar caiu de lado, a boca babando no travesseiro sem fronha. A partir daí perdeu a consciência do mundo externo. Não sabia se estava em sono ou desperto.

Mesmo tendo dificuldades para distinguir sonho ou realidade, viu a si próprio de modo claro dentro de sua carapaça, algo impensável, estando imerso no interior do seu corpo. Como era possível?! Aparentemente saíra de sua carne, olhando-se nu como veio ao mundo, mas com todas as marcas, rugas e escaras que trazia consigo desde o nascimento. Parecia, enfim, estar estirado numa maca negra, num infinito de breu, escutando todos os seus órgãos a trabalhar. Era... só podia ser!, a caverna!...

De súbito, uma voz começou a envolvê-lo, vibrando em cada nervo de seus tecidos, cada vasinho de suas artérias, cada neurônio de seu cérebro: “Conrado, Conrado... sua avó manda dizer que está decepcionada por você refazer o nó de sua vida, aquele que você julgou ter desfeito com sua atitude. Ela é minha companheira de jornada no plano espiritual. Recebi a bondade dela quando fui assistido pelos socorristas do Além num hospital de refazimento e tratado das balas que me atravessaram o corpo inerte e enregelado pela neve. Lugar abençoado, onde fui amparado do medo da morte, quando o tenente da guarnição oeste de Castello cerrou meus olhos para sempre. Não se assuste mais do que deveria: sou o sargento Guilherme Mendonça Fraga.”

A voz era áspera, como que movida por ligeiros e finos bramidos em tempestade na floresta. Conrado sentia o corpo em repouso tremer na cama. Por dentro, cada parte sua reagia àqueles apontamentos que lhe soavam como julgamento e prévia

condenação. Ele, Conrado, era o tribunal, réu e júri do que se passava, assim designado diante da visita inesperada que recebia. Já as figuras do juiz e promotor emergiram daquela alma penada, do outro lado da morte, que parecia existia a valer.

“Se duvida que sou eu mesmo, repare que falo contigo desde o seu próprio interior. Não estou no teu campo visual, mas você reage a todas as palavras que profiro. Fui enviado a pedido da senhora Eulália e por minha própria vontade. Ela, preocupada com o neto querido e desencaminhado; eu para compreender as suas reais motivações ao manipular e desvirtuar energias sensíveis, memórias que não são suas. Ambos, porém, queremos ajudar você a enxergar e reparar o mal que está causando essa triste mentira.”

O timbre soprava, tinha potência física, vinha de algum lugar indecifrável, de dentro para fora do corpo. Ressoava como danação dolorosa e ubíqua a soar em toda parte. Uma angústia se apossava da compreensão de Conrado, penalizando-o ainda mais. Mas o sargento dizia a verdade, não era uma alucinação causada pelo esgotamento emocional e físico daquele dia horrível. Tinha certeza de não estar em nenhum pesadelo, em nenhum sonho tresloucado, nem tampouco se apercebia plenamente acordado. Havia penetrado em si mesmo, no âmago que acumula lembranças inextinguíveis, as falhas e virtudes entalhadas no DNA de cada célula. Os impulsos que disseminavam lhe eram sensíveis, podia perceber as engrenagens do seu corpo reagindo a eles. Estava em si a ouvir uma voz externa que soprava ali dentro.

“Onde... de onde você fala, Guilherme? Como... como é possível você falar comigo? Eu vejo, reparo que o tom é outro... e me vejo dormindo lá fora, como numa fresta de fechadura. Não estou alucinando... acho que não”, balbuciou espantado e temeroso.

O vozeirão ripostou cheio de gravidade: “Falo dentro e fora de você, acima e abaixo do seu e do meu plano. Sabe, Conrado, você nunca teve certeza de nada,

desde as coisas mais triviais à existência da inteligência divina. Ao invés de se abrir às suas infinitas dúvidas e viver o presente de maneira simples e receptiva, preferiu se escudar em crenças que sentenciam o futuro ao negrume, ao pessimismo reservado a cada passo em falso que damos. Olhos e ouvidos nunca abertos ao que não se compreende acabam cegos e moucos. Sua arrogância e descrédito no Maior, no inexplicável e imensurável foi sua ruína, gerou essa desesperação, culminando na falta mentirosa para com as gentes do Ascensão.”

Guilherme falava aumentando o volume e a potência. E Conrado, estirado no escuro de seu corpo, resistia como um ilhéu à espera do impulso final do maremoto. O fantasma prosseguiu: “Isso tudo que acabei de dizer são mensagens de sua avó Eulália. Ela veio a mim para me orientar por tempos e tempos, até seguir rumo a planos superiores. Agora me orientou para que lhe traga essas palavras. Alma boa e velha é ela, Conrado, e lhe ama por demais. Apesar de tudo, está feliz que você conseguiu experimentar sua humanidade reprimida com toda essa experiência. Ela até agradeceu por seu avô Eusébio ter me conhecido e recebido o meu diário, que ela leu e, segundo disse, a fez refletir muito na casa espírita que frequentava em Arapongas.”

Conrado tentava arregalar os olhos, mas nada via senão a total escuridão de sua caverna. “Onde ela está agora? Não acredito que, depois de uma surra de boxe que levei dos vivos, agora terei de levar palmadas na bunda da minha querida e carola avó! Igual ela fez até morrer comigo, seu ladrão de guloseimas preferido! Teria como trazê-la para eu falar com ela, ouvi-la, mesmo sem a ver?”, perguntou cheio de saudade.

Guilherme agravou ainda mais o tom, chegando ao sarcasmo: “Ela se foi, Conrado, está ocupada em auxiliar outras almas e prepará-las para novas encarnações, o que humildemente está em vias de acontecer também comigo. Mesmo assim, apesar de sua desmedida petulância, fomos autorizados a vir aqui transmitir algumas mensagens a você. Sua avó, inclusive, manda dizer que te ama e te perdoa. Eu sinto o mesmo. Sua falta é grande e sua arrogância, brutal, mas, ainda assim, sou-lhe grato por eternizar feitos da Guerra e transformá-los

em exemplos edificantes. Contudo, você deve a si mesmo um pedido de desculpas. E para concretizá-lo terá de envolver as pessoas a quem enganou, agora visando o bem delas e dessa sua cabeça dura.”

Os ventos frios da fala do militar o estavam estonteando. Sentia que seu corpo, ausente dele próprio, era o leito para sua alma solta, boiando à deriva como um naufrago ao sabor do mar numa trevosa madrugada. Tudo isso agora o fazia responder com dificuldade e grande torpor, mesmo compreendendo o que o espírito dizia: “Vó Lália, vó, vó Lália, até no pós-vida você vem com broncas e superstições, que carma o meu!... Mas do jeito que estou, até voltaria a ser criança pra ter seu abraço e do vô Eusébio também... diz, diz, diz logo o que devo fazer, Guilherme. Eu faço, vá, faço tudo pra ter minha família de volta e também respeito próprio!”

Uma leve contrariedade pareceu se apossar do finado: “Se sua avó o ouvisse agora retiraria o perdão que maternalmente lhe concede. Eu fui sozinho toda a vida, seu fanfarrão. Órfão de pai e mãe, criado numa casa de amparo, em Extrema. Tive na carreira militar o único suporte e no bom coração do seu avô, a única amizade verdadeira em minha vida. Você, ao contrário, teve tudo o que se pode receber em vida e não cansa de piadas e deboches. Jogou fora muitas bênçãos em troca de sentimentos egoicos e banais. A remissão, porém, aplica cedo ou tarde a melhor lição para você, que procurou alcançar glória do modo errado.”

Encolhendo-se, quase em posição fetal, Conrado trepidou de frio e contrição por aquelas palavras: “Eu devo ser muito importante em falcatruas ou fodido mesmo para uma assombração de milico morto há mais de meio século vir me atazanar dentro da minha cabeça! Que o teu Deus me perdoe, Guilherme, mas é o que eu penso dessa crueldade toda. Lutei anos contra milicos e tenho de aturar mais um, falecido ainda, martelando discurso moralista a cada deslizada minha, puta que me pariu!”

Conrado conseguiu a façanha de interromper a resposta da alma compadecida do sargento, concluindo: “Com certeza minha avó Lália te ensinou muito bem a como ser pio desse lado daí. Olha, eu usei tua história porque ela é boa, mas boa para ganhar dinheiro e notoriedade, que são papel e passaporte dos homens por aqui, você bem deve saber. Agora me sinto mudado com tudo o que passei e estou passando por manter a fraude, por causa desse crime que espero ainda ser remediado. Mas por favor, não me venha forçar confissões vãs, tá bem?”

A ventania vocal de Guilherme, quase um sopro audível, fustigou em tormenta ainda maior o contorcido corpo do velho velhaco: “Bem, senhor birrento, foi essa a mensagem que sua avó, minha mentora, quis lhe passar. Você terá que descobrir por si mesmo uma forma de arrumar toda essa confusão. E sei que você não pediu, mas vou lhe dar um conselho assim mesmo, pode ser útil: ponha esse seu senso de humor cáustico... cáustico não, diria melhor, senso de humor duvidoso, em favor dessa reparação se quiser algo melhor no que vem depois do sono eterno.”

Sem esperar réplica, o espectro vocal prosseguiu: “A casa Ascensão está de braços abertos para te ajudar nisso e ser por ajudada por você também. As pessoas de lá lhe idolatram só pelo seu carisma, um dom nunca valorizado por você. Use essa empatia que magnetiza os outros em favor de um bem maior, o bem daquela coletividade que tanto precisa de alguém para doar trabalho e dedicação em prol dos que pouco têm.”

Sabendo que a concórdia com o morto era o único modo de sair com (alguma) vida daquela tortura mental, Conrado assentiu um pouco mexido com as lembranças da avó: “Sim, sim, pode deixar. Eu ia mesmo fazer isso, independentemente dessa tua visita maluca, sargento. É o que me restou depois de ser humilhado e repudiado para sempre por aqueles que amo.”

O timbre de Guilherme ficou um pouco mais brando: “Nunca diga ‘para sempre’ enquanto estiver encarnado. Eu vivi solitário, sem ninguém com quem celebrar

ou chorar, e mesmo assim resisti em meu próprio umbral terreno, disposto a compreender o porquê dessa minha sina. Pela vida triste que tive, nunca acreditei em Deus. Só o percebia como uma vaga ideia de energia, por isso vim parar nesse estágio de aprendizado. Quando morremos vamos exatamente para o local que imaginamos ir quando em vida. Quem, como eu fazia, só vislumbra o vazio no post-mortem irá saboreá-lo por um bom tempo, até que espíritos benfazejos nos guiem para algo menos sofrível. Portanto levante, seja útil aos outros, passe adiante todas as suas potencialidades e conhecimentos. Não cometa o mesmo erro que eu cometi!”

Cada palavra entrava por todos os poros da carne do jornalista, toda ela atenta como se ouvisse a sentença final de um julgamento em que era parcialmente absolvido. O morto continuou o sermão: “Depois de um tempo aqui, que não sei mensurar aí, sua avó Lália me veio fazer companhia para ensinar-me muito do que ainda não sei: que somos espíritos destinados à divindade, a ser buscada no que cremos, fazemos e aprendemos, aperfeiçoando nossas almas como um ferreiro amola a lança. A fé nos planos superiores faz de nós entidades eternas e em permanente evolução. Não a desperdice como eu, descrente no perpétuo perdurar de nossas energias. Use suas capacidades para iluminar essa sua ‘caverna’ aqui e um pouco das que existem lá fora nas pessoas ao seu redor. É uma segunda chance tardia pra você, Conrado!

Digerindo aquele discurso todo, o velho tentava agora se tocar, regressar ao plano carnal, exausto de uma missa involuntária com um padre mais cruel do que os camaradas de Partido a declamar Engels. Estava ele, entretanto, ciente do quanto judiara de seus pobres órgãos ao subestimar a proeza que era ter saúde, possuir um corpo em pleno funcionamento, sinapses que trazem memórias, ar a transbordar de seus pulmões, toda essa compreensão foi sim despertada pela visita do sargento.

Tentando soar minimamente arrependido num para ele execrável sentido cristão, Conrado respondeu ao espírito: “Eu tive todas as chances do mundo, Guilherme, e a maioria joguei pelo ralo e pela lata do lixo da minha história. Diga à minha

vó Lália que vou tentar não decepcioná-la nesta reta final, a despeito dela até depois de morta seguir enxada quanto a vida do neto – ela tem mais três, sabia, Guilherme, podia cuidar um pouco dos escorregões de meu irmão e primos também! Sei exatamente como cumprir o que vocês me pedem. E começarei amanhã mesmo, estamos combinados. E tenho dito!”, encerrou de sua parte a conversa como fazia nas reuniões de pauta ou do partido.

Agora num sussurro, a voz de Guilherme foi ficando suave. Uma marola mansa em meio ao oceano de inconsciência, onde Conrado navegava com sua barca de músculos e ossos capitaneada pelo leme d’alma: “Eu direi a ela quando a reencontrar. Falarei da sua promessa e de sua saudade. Use o tempo concedido com sabedoria e você será feliz, meu caro. Fique firme e não desanime, seu ácido comediante. Faça o que lhe parecer certo com as armas que apresentei e sua guerra será mais gloriosa do que a que lutei por outros.”

Antes de nunca mais ouvir aquele sopro, viu o militar, como que em despedida, fenecer com a derradeira nova-velha ao novo-velho Conrado: “Ah, quase me esqueci, teu avô Eusébio, meu camarada, voltou muito rápido. Foi pr’ aí de novo e disse que gostaria muito de voltar como seu neto”. Os sons sumiram naquele não-ver, enquanto Conrado voltava à sua cama, ao seu quarto e aos latidos frenéticos de Leon, que o lambia e girava em torno de seu corpo todo contorcido de alguém que teve um sono agitado.

Aquelas últimas palavras, muito mais do que toda a reprimenda que tinha tomado, deixou-o catatônico de perplexidade, quase morrendo de vez para cobrar interpretações diretamente do penado Guilherme: “Bentinho, meu Bentinho... Vô Eusébio...”, parou de falar quando percebeu que a boca era um deserto do Atacama e conseguiu visualizar a silhueta disforme de seu cachorrinho a dar-lhe boas-vindas naquele suposto segundo nascer.

“Amanhã, Leon, amanhã, amanhã eu tenho, tenho... Tenho coisas... Coisas a fazer.... Terminar... Por via das dúvidas, não posso decepcionar de todo o chato

do sargento e a pentelha da minha avozinha – que Deus a tenha e me perdoe também! Não posso morrer hoje, Leon, não me deixe morrer hoje!”, olhou o relógio-despertador e viu que os ponteiros piscavam 4 e muito da matina.

Virando de uma vez a água num copo de requeijão, Conrado olhou para seu cãozinho: “Era a cara da cagada e da ironia eu cair duro de susto com as revelações de um morto logo depois de visitar o mundo deles, né, Leon? Eu acho que passo de hoje para viver o amanhã, assim espero. Só sei que me viraram do avesso, meu amigo! Acho que vou me tornar o ateu mais religioso da Bela Vista, seu sarnento”, e riu-se cheio de um débil otimismo por nada.

Estava acabado por causa do encontro. O testemunho do soldado, ‘estar no lugar em que sempre acreditou estar e que virou seu lar após a morte’, intrigou Conrado, que foi buscar explicação num dos livros espíritas adquiridos para servir de modelo ao seu. Era o “O Amor Venceu”. Bem na dobrinha dele, na metade do miolo, havia uma orelha-de-burro. Ele havia marcado uma página com dizeres que sempre o intrigaram, um trecho compilado da Bíblia católica, segundo a letra do evangelista João e a ação de Jesus de Nazaré, que dizia: “Na casa de meu Pai há muitas moradas”. Leu, releu, entendeu e desfaleceu de exausto, abraçado ao amigo vira-lata.

Acordou um pouco revigorado. Só os hábitos não mudaram, pois o relógio marcava quase 14 horas. Desperto, abraçou o bom amigo de patas, banhou-se, serviu o desjejum do mascote e desceu no rumo do Venâncio, não antes de abraçar Ataliba com a mesma sinceridade do dia anterior, quando a empolgação estúpida ainda o consumia.

Depois do almoço acompanhado de suco de maracujá no bar de seu balconista favorito, Conrado Correia Rabelo foi para a avenida Paulista no mesmíssimo trajeto feito quando da primeira visita ao Ascensão. Tomando o mesmo ônibus circular para a Aclimação, o menino de rugas voltou a olhar as milhares de janelas espelhadas que os parceiros de transporte possuíam, mostrando ou

disfarçando cada pessoinha nas calçadas entupidas das ruas Joaquim Eugênio de Lima e Abílio Soares, cada qual um universo à parte.

Tudo agora era compreensão para ele, compreensão do outro, de que cada um ali tinha também uma alma como a dele. Almas que velejam, mesmo sem saber ou notar, no mesmo mar escuro de incertezas e penitências, rogando fazer o melhor para aguentar o tranco quando o ‘lado de lá’, o de Guilherme, de seus pais e avós, os chamassem.

Desceu novamente no mesmo ponto da vez passada, junto ao Parque da Aclimação. Foi caminhando para o centro Ascensão quase que em marcha solene no rumo do dever, o trotar de soldado que a alma penada inspirara. Atingiu a porta de entrada e já todos o reconheciam e saudavam, em sorrisos, como ‘o mais novo médium da editora’. Subiu as escadas de granito, avistou Vanessa: “Boa tarde, minha querida, tudo bem contigo?”, indagou. Ela sorriu ao vê-lo: “Seo Conrado, que prazer! Vou indo, na luta, e o senhor? O que veio fazer aqui bem hoje e tão cedo da tarde? Algum problema com o recebimento dos seus direitos autorais?”

Conrado pegou paternalmente na mão da garota: “É exatamente sobre eles e sobre mais que vim falar aqui contigo. Eu queria abdicar dos meus cinco por cento de comissão pela venda dos exemplares do ‘Paz na Guerra’, pode ser?”. Espantada, Vanessa acenou que sim com a cabeça. Conrado não a deixou dizer nada e continuou. “Ótimo, maravilhoso, estupendo! Agora você vai me dizer em qual serviço o centro precisa de mais mão de obra para suprir as necessidades comunitárias.”

Cada vez mais espantada, ela respondeu: “Bom, seo Conrado, nós estamos precisando muito de um motorista com experiência para o leva e traz de todo dia. Alguém que faça de boa vontade o serviço, porque a toda hora e sem planejar pinta corre-corre, busca de doações, entrega de comida, essas coisas. A Fiorino está sem essa pessoa fixa há mais de ano.”

Mal tomando fôlego para ripostar, Conrado cravou: “Então acabaram de ganhar um motorista, que serei eu. Dirigi quarenta anos e meu primeiro emprego foi ajudando meu pai, comerciante, a distribuir garrafas de leite no bairro. Vamos lá! Por último e não menos importante quero saber qual é a principal carência de material para a garotada nas aulas que vejo lá embaixo, para que fiquem mais bem servidos”. Já toda sem jeito, Vanessa o contestou: “Olha, a gente anda precisando muito de uns dois, três computadores bons pra que as aulas de português e redação fluam melhor. Além de ajudar a terem acesso à internet para fazer as tarefas da escola.”

Unindo as duas mãos da secretária em concha com a sua, o jornalista sorriu de orelha a orelha: “Então você vai usar os valores que entrarem da minha parte na venda do livro para ajudar a comprar esses PC’s, anote isso aí no seu sistema, tá bem? Também preencha a vaga de motorista com o nome de Conrado Correia Rabelo. Agora é só me dizer quando posso trazer meus livros antigos para engordar a biblioteca daqui, e me informar quando começo a trabalhar nos fretes. Quero saber também dos horários da classe de redação, pois serei o professor suplente para reforçar o que eles aprendem.”

Balançando a cabeça, incrédula, Vanessa anotou suas demandas, informando: “Muito bem, seu Conrado, amanhã abrimos às oito da manhã e o senhor pode trazer e organizar os livros que quiser. Depois tem que buscar numa ONG no Ipiranga umas roupas de frio pra distribuir por Penha e Belenzinho. O resto do itinerário eu passo por e-mail, tá bem? Ah, e a aula de redação é mais pro final da tarde, antes das palestras e dos passes”.

Conrado externava estar bem animado: “Show de bola! Quero ficar para ver, ouvir e aprender. Fique em paz e até amanhã... Até amanhã não, até de noite! Eu quero dar todas essas notícias direto pro seu Hélio e pra Dona Angélica, tá? Guarde segredo!”

A menina caiu numa risada forçada: “Hahahaha, pode deixar, seo Conrado”. Nosso rabugento beijou a bochecha de Vanessa e saiu a passos lesto do centro, que para ele se transformara em mais do que uma casa espírita, era o centro de remissão de um desnordeado pecador. A caminho do ponto de ônibus, Conrado abriu o celular, que ainda penava para manejar. A foto do neto se expandia naquela tela que a ele parecia a de um cinema. Olhando Bentinho na imagem, só conseguiu cobrir a boca e dizer para si mesmo: “Bentinho...Vô Sébio... será? Só sei que o VôRado ama muito, muito você!”

EPÍLOGO – Penumbra, chispas e luz

Há tempos Eugênio não tinha notícias do amigo. Há semanas, na verdade. As únicas palavras que ele repetira quando o contatou, via mensagem virtual, foram “Estou ocupado, Gênio, muita coisa pra fazer por aqui. Em tempo: encontrei todas as tochas da caverna. Tudo iluminado pra mim, amigo, acredita? Passe aqui no Centro quando der, o dia que der. P.S.: Novos projetos editoriais à vista.”

O advogado só tentava adivinhar: “O que será que deu agora nesse doido do Rado?, falou consigo mesmo. Parece estar bem, conheço-o até pelas linhas do texto. Acho que levou muito a sério a metáfora das cavernas, das escuridões e raios de luz, mas a verdade é que não sei dele desde que me deixou recado, quase chorando, pelo reencontro com a Mari e os meninos. Não sei se ele melhorou da deprê ou não, vou lá no tal Ascensão conferir o que foi feito desse perdido.”

Para a surpresa de Eugênio, porém, perdido era tudo o que o ele não estava mais, e pelo seu entusiasmo não mais o estaria até o final da vida. Foi o que constatou no dia seguinte, uma sexta-feira de pouco movimento no trabalho, quando se rendeu à preguiça típica de alguém que já sonha com a aposentadoria. Decidiu surpreender Conrado no centro espírita, encerrando mais cedo o modorrento expediente no seu escritório de advocacia instalado bem perto do fatídico Fórum Criminal da Barra Funda. Seguiu no rumo do Ascensão e estacionou perto de uma quitanda. Comprou uma coxinha de frango na lanchonete da casa e ficou à espera de avistar Conrado pelo espelho retrovisor do carro.

Demorou, demorou muito. Eugênio, já ia no segundo salgado da quitanda, desta vez um bulhento pão de batata, quando, por volta das 19h, observou encostar no meio-fio um furgão mais desgastado do que o salgadinho que empurrava goela abaixo. Dele surge um senhor muito parecido com seu camarada, porém mais

novo, com mais vigor e destreza do que o rabugento Conrado, aquele que sucumbia mais e mais a qualquer frustração. Não, esse que retirava caixas do porta-malas da viatura era outro sujeito, só pode! Entretanto era mesmo Conrado a iluminar o entorno e espriar ares benfazejos com gestos compassados em direção a trabalhadores que o ajudavam a descer a carga pela pequena escada de acesso ao prédio.

Apesar da aura renovada, vinha ele todo sujo e desmazelado daquela carroça que em breve seria resgatada por uma oficina às expensas de ‘Paz na Guerra’! Sua camiseta suada trazia na estampa o logotipo da casa espírita, o nome do livro e o endereço eletrônico para sua aquisição. Atrás, nas costas, chamadas para atividades beneficiadas pelas vendas. Absolutamente pasmado diante daquela realidade inesperada, Eugênio atravessou a rua com o cuidado de ser discreto, se possível sem ser notado.

“Fala, Gênio, vi teu carro de relance, meu! E nem adianta disfarçar, tentar me pregar um susto porque não tô pra brincadeira”, disse Conrado, tocando o ombro do amigo com firmeza e alegria. “Acabei de chegar do Jabaquara. Cara, passei o dia indo e vindo entre Cidade Tiradentes, Guaianazes, Sapopemba, Sacomã e Tatuapé distribuindo kits higiênicos, roupas e comidas pro pessoal das comunidades que os centros locais ajudam. Canseira, rapaz, canseira! E ainda tenho que correr porque à noite tem passe pra mim e, de manhã cedo, aulas de redação para o pessoal do Cambuci e Brás com o professor que vos fala.”

Eugênio transbordava de satisfação ao ver o amigo tão bem como nunca o havia visto, numa harmonia vital que poucos encontram. “Tudo isso, tudo o que descarregamos e entregamos, dos computadores aos donativos, veio do meu livro, Gênio! Tá vendendo muito bem! Ele, as pessoas desse lugar e o sargento Guilherme, chato que nem gilete no chão – mas louvado seja! – foram as três tochas que eu precisava pra iluminar minha caverna! E olha, bem que você falou que ela estava muito escura, escura demais!”

Conrado era completamente outro, até com menos rugas. Pele viçosa, olhar brilhante. Sinais mais do que evidentes de que havia posto o passado em algum lugar interno, enterrando suas dores num jazigo do coração. Um sítio onde as lembranças dos ainda por ressuscitar em vida, como seus filhos e o amor deles, pudessem ser visitados ou mesmo esperados. Mas nunca, jamais pudessem atrapalhar o que aquele homem ainda saudável e – quem diria! – otimista pudesse dar às pessoas à sua volta. E eram muitas, milhares, milhões que necessitavam e necessitam de ajuda na cidade, no país, no mundo inteiro!

Depois de subir a última caixa, voltou-se para o advogado: “Tive sorte, Gênio, nisso também você estava certo, irmão. É arriscado demais mexer na caverna da gente, principalmente na nossa idade, conformados que ficamos em deixá-la esquecida, toda apagada. É muito desafiador maculá-la com luzes e descobrir o vazio que foi nossa vida sem o fluido das boas ações que mereçam estar às claras. Eu tive sorte! O sargento me mostrou o caminho do eterno aprendizado, deu mostras de que a vida é perpétua de alguma maneira, sabe? Que o que fazemos aqui reverbera, parece... sei lá... lá em cima, cara, lá em cima, acredita?!”

Eugênio, agnóstico, estava encantado com aquele testemunho de quase fé: “Então, naquele dia em que voltou destruído da festa na Mari, você realmente falou com o defunto do livro? Ele que te fez mudar, ter essa percepção do que é nossa vida, essa noção adoidada?”

Conrado olhou bem nos olhos interessados de Eugênio: “Aprendi que temos um Deus em nós, que somos células quase divinas e devemos colocar em bom termo tudo o que fazemos nessa vidinha. Se sou espírita hoje? Não sei... Se creio no reencarnar? Também não sei, mas estou aprendendo o que todos esses preceitos significam”, disse pensativo. “Foi basicamente o que Guilherme falou comigo. E isso é um fato, meu, não era alucinação! Eu sentia a voz dele como o vento que sopra agora. E mesmo ele, desencarnado há décadas, existia e estava exatamente no lugar condizente com a sua vibração e em permanente aprendizado. Ele disse que é um preparativo para que volte mais evoluído para esta Terra. Está numa

saudável superação das feridas de alguém que viu a barbárie humana bem de perto, saca? Eu dei ouvidos ao que ele quis, e tinha uma certa moral bacana ali, sabe? Por via das dúvidas, vou seguir no meu plano de evolução ANTES de ir terra abaixo hahaha.”

O velho amigo entendia e não entendia o jornalista, que o convidou então a entrar na casa. “Vamos, venha conhecer as melhorias que estamos pondo à obra. Depois terão as palestras. E hoje por acaso eu vou abrir os depoimentos, palestrando sobre isso mesmo — Um médium tardio que viu o pós-vida e tem lá suas interpretações de propósitos, razões e motivações para disseminar boas coisas pros cordeiros, ops... os fiéis ouvirem. Bom, deixa pra lá, Gênio, estás com uma puta cara de baratinado hahaha! Temos saúde e certezas inabaláveis, que acho são a fé afinal. Somos o que vibramos, e agora eu vejo e vibro o mais iluminado que minha caverna permite, graças a essas tais tochas. E quero usar a luz delas para marcar minha passagem aqui”

Bem à noite, depois de ouvir as mensagens e receber um passe, Eugênio ofereceu boleia após Conrado guardar a Fiorino na garagem. Ao chegarem à porta do predinho, o jornalista agradeceu novamente tudo o que o amigo, sem querer, havia lhe proporcionado com seus conselhos: “Cara, passei toda a minha vida buscando racionalizar tudo, inclusive os pecados. Essa paz que tô sentindo agora não pode ser teorizada, e é fruto de uma mistura entre o que faço pelos outros e o que farei por mim.”

Abraçando-o, abriu a porta e disse: “Volte lá mais vezes. Larga de ser apegado e deixa o escritório pro teu filho. Venha ajudar aquele povo. Quero que também sinta essa felicidade, essa tranquilidade que poucos encontram no iluminar da caverna. Espero que todos nós encontremos esse ‘não sei’, o desconhecido graal do viver com propósito. Eu o encontrei graças a essa loucura toda, num crime ético.

Conrado deu uma risada escandalosa cheia de um quê de malícia destoante de

(quase) tudo o que disse antes. Eugênio acompanhou atônito sua subida ao apartamento, abanou a cabeça com o alívio duvidoso de quem vê um companheiro encontrar a estrada para trilhar após serranias, serrações, curvas bruscas, penumbras e chispas. O filosofar do velho redator talvez fosse a bondade dele próprio aflorando e se digladiando com seu deboche de tudo e por tudo que passara. Ou talvez estivesse punindo seu próprio juiz esotérico pelo castigo de ter sido por ele assombrado. Foram essas as únicas conclusões a que o sábio Eugênio chegara ao presenciar a devoção irônica com que Conrado abraçou a causa altruísta, com todas as forças vitais que tinha, sem deixar, todavia, de sonhar com “novos projetos editoriais.”

Ah, os projetos editoriais? O amigo foi entusiasmado ao falar deles no caminho. “Sim, claro, isso é que é trabalho! vai me ocupar um bocado lá em casa. Pretendo escrever minha autobiografia por uma editora generalista, trabalhada a quatro mãos com um ex-colega editor. Prevenção pra evitar visitas inconvenientes no meu corpo adentro cobrando comissão do além pelo que EU escrevo. Quero contar minha vida, minha regeneração e meu ‘aprendizado no rumo da tal salvação’. Pensei até num nome — ‘Do bolchevismo ao espiritismo – A Epopeia da Doutrina. É bem solene e piedoso, não acha hahaha? Mas tenho um enredo, amigo, que não vejo a hora de ‘receber’ inspiração pra colocar no papel”, e piscou, misterioso, sem explicitar muito o tema.

Eugênio se despediu novamente, travou a porta e acelerou o carro. Ao primeiro semáforo, sem se aperceber, pensou no quão sortudo era por ter visto e vivido algo tão inusitado na platitude cotidiana. Olhava para o teto solar da máquina enquanto via refletir no vidro a cheia lua do céu da primavera que chegara: ‘Rado tratante’, pensou em voz alta, ‘que piscadinha foi aquela? Deixa estar se não vai mexer com mais bruxas, as que conheceu, as que não crê e as que existem entre o chão e o infinito, redoma onde se digladiam materialismo e transcendência.” O brilho verde do sinal também piscou e o veículo ganhou as ruas paulistanas em meio às suas penumbras, chispas e luzes.

Sumário

I – Num quartinho da Bela Vista

II – Ler para crer

III – Contrato Celeste

IV – O primeiro sacramento

V- Revisita

VI – Visita

EPÍLOGO – Penumbra, chispas e luz

Sobre a Viseu

Sobre a Visu

Essa e outras obras em:

eviseu.com

■

Saiba mais em: